

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA- UNIPAMPA
CAMPUS BAGÉ
CURSO DE LETRAS**

**Foco narrativo em contos da literatura brasileira: uma proposta para
o ensino médio**

Trabalho de Conclusão de Curso II

**Autora: Alessandra Goulart D'Avila
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Silva**

Bagé-RS, agosto de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com muito carinho, aos meus amados pais, Alexandre Silveira D'Avila (em memória) e Altamira Goulart D'Avila, por serem eternos incentivadores na realização de meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À minha querida professora orientadora, Silvana Silva, por acompanhar minha caminhada desde o início do curso e por estar ao meu lado na conquista do meu sonho.

À minha amada mãe, Altamira Goulart, por acreditar em mim e por todo carinho incondicional e sem limites.

Aos meus irmãos, Alex, Paulo, Alan e Saulo, pelo apoio e motivação.

Ao meu grande amor e amigo de todas as horas, Rafael Barbosa, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e me dando forças para alcançar meus objetivos.

RESUMO

O presente trabalho discorrerá pelas classificações dos Focos Narrativos estipulados por Norman Friedman (2002) e pelas considerações de Ligia Chiappini Moraes Leite (2001) sobre o assunto. Nosso objetivo abrange o levantamento de percepções sobre o “Foco Narrativo” e os diferentes tipos de narradores, trazendo, como exemplos, textos da literatura brasileira, mais especificamente a abordagem do gênero textual “Conto” que analisaremos no decorrer deste trabalho. Posteriormente, aplicaremos uma proposta de ensino, que abordará o tema do Foco Narrativo, numa turma de ensino médio. Temos por intuito realizar uma coleta de dados, por meio de uma sequência didática que será aplicada em sala de aula, para em seguida analisarmos os textos dos alunos que participaram da pesquisa e identificarmos quais focos narrativos são mais recorrentes nas produções textuais dos estudantes. Por fim, os resultados da pesquisa indicam que nossa proposta de ensino proporcionou aos alunos o conhecimento das categorias do Foco Narrativo e a utilização efetiva de alguns tipos de narradores, pois das 8 (oito) classificações apresentadas no decorrer das aulas e atividades, 4 (quatro) delas apareceram nos contos analisados de 3 (três) estudantes que selecionamos para este estudo.

Palavras-chave: Foco narrativo. Tipos de narradores. Contos. Ensino de Língua portuguesa.

SUMÁRIO

1. Introdução, p. 6

1.1 Autor, narrador e foco: distinções iniciais, p. 7

1.2 O gênero Conto: um percurso pela sua origem e características, p. 10

1.1.1 Percepções acerca do Foco Narrativo: uma trajetória pelos tipos de narradores, p. 12

1.1.2 Síntese da classificação de Friedman: um olhar pelos tipos de narradores nos contos brasileiros analisados, p. 21

1.1.3 Aprofundamento da visão do foco narrativo: um ponto de vista distinto, p. 24

2. Metodologia, p. 28

2.1 Proposta de ensino, p. 28

2.2 Coleta de dados, p. 30

2.3 Planejamento da sequência didática, p. 31

2.4 Planos de aula, p. 33

3 Análises, p. 46

3.1 Observações realizadas nas produções iniciais dos alunos, p. 54

3.2 Análises das reescritas, p. 58

3.3 Olhar sobre o desempenho das reescritas analisadas, p. 65

4. Considerações finais, p. 67

Referências, p. 69

1. Introdução

Ao estudarmos o tema do Foco Narrativo, pudemos observar a importância desse assunto acerca do modo como identificamos a classificação dos distintos tipos de narradores, bem como a forma que cada narrativa é contada e consideramos que isso seja pertinente para abordarmos e tratarmos no contexto escolar. Os teóricos estudados e citados para esse trabalho falam sobre a Europa, mas abordaremos questões em narrativas brasileiras, mais especificamente em contos. Entendemos que o foco narrativo é um eixo importante tanto para a construção da personagem e da intriga (aspectos consideráveis para uma abordagem literária) como também um mote interessante para a leitura de textos literários e não literários na aula de língua portuguesa. Nesse sentido, é, em nossa percepção, um tema de interesse interdisciplinar.

Apresentaremos no decorrer desse trabalho os teóricos Benjamin (1994), que aborda questões sobre “o narrador”, presente na Europa, ou seja, em narrativas desse lugar específico, e Chiappini (2001) que fala do Brasil, apresentando obras brasileiras para exemplificar os tipos de narradores e focos narrativos. O mote desse trabalho se dará no estudo e análise de contos brasileiros de diferentes épocas, entre os anos 1900 à 1990, para identificarmos os focos narrativos e a evolução dos tipos de narradores.

Com o intuito de centralizarmos a questão do Foco Narrativo, traremos como exemplos e material de análise alguns contos brasileiros resgatados de coletâneas, das quais se destacam: “Os cem melhores contos brasileiros”, “Orelha de Van Gogh” e “Contos Gauchescos”. No total, para focarmos no presente trabalho, abordaremos 8 (oito) autores e 20 (vinte) contos escolhidos das coletâneas citadas anteriormente. Os contos selecionados para análise são: “Contrabandista”, “O Negro Bonifácio”, “Deve um queijo”, “O mate do João Cardoso”, “Boi velho” e “Batendo orelha” de João Simões Lopes Neto. “Felicidade Clandestina”, “Primeiro beijo” e “Uma galinha” de Clarice Lispector. “A orelha de Van Gogh”, “Zap”, “Uma casa”, “Um emprego para o anjo da morte”, “Trem fantasma” e “Não pensa nisto, Jorge” de Moacyr Scliar. “O Alienista”, de Machado de Assis, “Nossa amiga”, de Carlos Drummond de Andrade, “Baleia”, de

Graciliano Ramos, “Fazendo a barba”, de Luiz Vilela e “O moço do saxofone”, de Lygia Fagundes Telles.

Como objetivo didático, elaboraremos uma proposta de ensino, que se realizará em uma turma do Terceiro Ano do Ensino Médio. Organizaremos uma sequência didática na qual aplicaremos as classificações do Foco Narrativo, exemplos desse tema e atividades que permeiarão o foco propriamente dito e os tipos de narradores. Por fim, realizaremos uma coleta e análise de dados (produções textuais) para identificarmos se nossa proposta de ensino foi ou não bem sucedida e também identificarmos quais os focos narrativos mais utilizados pelos alunos.

Para que isso ocorra de forma significativa, primeiramente analisaremos uma produção escrita inicial dos alunos, que a turma realizará nas primeiras aulas, tendo compreensão dos focos narrativos que terão sido apresentados até o momento, e utilizando seus conhecimentos prévios sobre o assunto. Posteriormente serão analisadas as produções textuais finais (reescrita) dos alunos, em que os mesmos terão conhecimento de todas as categorias de foco narrativo e serão auxiliados para a reescrita. O objetivo principal é observarmos se houve evolução dos alunos no decorrer das aulas e atividades propostas, bem como se estes estudantes souberam utilizar de forma adequada e criativa os focos narrativos apresentados e trabalhados em aula.

1.1. Autor, narrador e foco: distinções iniciais

Distinguir autor e narrador é de extrema importância para que, posteriormente, possamos abordar o foco narrativo e os distintos tipos de narradores que permeiarão contos da literatura brasileira que apresentaremos no decorrer desse trabalho. Dessa forma, é importante enfatizarmos que autor e narrador não podem ser confundidos, ou seja, o primeiro é aquele que dá vida ao texto, o segundo é o responsável por contar a estória de certa obra narrativa. O autor é o que cria o texto e tem a liberdade de escolher o tipo de narrador para tal escrita. É essa escolha que, no transcorrer da narrativa, deixará o leitor mais curioso, ansioso e intrigado com o texto, ou seja, é o tipo de narrador que deixará esse leitor envolvido ou não na leitura. Porém, se no texto escrito, na narrativa propriamente dita, o que deixa mais envolvente é o tipo de narrador, por que é tão difícil narrarmos um texto oral de maneira que prenda seu interlocutor? Isso é

algo que perdemos no decorrer do tempo, por não contarmos estórias como nossos antepassados faziam. Portanto, é importante salientarmos o que diz Benjamin (1994) sobre esse assunto:

“A arte de narrar está definindo porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um "sintoma de decadência" ou uma característica "moderna". Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas.” (BENJAMIN, 1994, p. 04)

O processo da narração, na oralidade, está se perdendo, pois não é costumeiro o ato de contar estórias, nos dias atuais. Não se trata de contar estórias existentes nos diversos livros, independente da categoria, mas as estórias vivenciadas e ouvidas, as que passam de pessoa para pessoa, de geração em geração. Por isso não é tão simples nem corriqueiro o ato de narrar. É relevante abordarmos o que diz Benjamin (1994) acerca disso:

“São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1994, p. 01).

Porém, a prática da narração não está totalmente perdida e a visão que se tem do narrador, de um modo geral, é a de alguém “do mundo”, que vive por diversos lugares, e traz em sua bagagem muitas estórias e acontecimentos para contar. Porém ainda há aquele tipo de narrador que goza das estórias de seu local de origem, que conta com prazer os casos e episódios que vivencia ou ouve falar de seu povoado vizinho. É considerável reforçar essa afirmação por meio das palavras de Benjamin (1994):

“ "Quem viaja tem muito que contar", diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante.” (BENJAMIN, 1994, p. 02).

Ainda, a habilidade de narrar é algo que ocorre como um círculo vicioso, no qual o narrador transmite a estória através do que vivenciou ou ouviu falar e seu receptor o faz de modo igual. Segundo Benjamin: “*O narrador retira da experiência o que ele*

conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1994, p. 05).

Há uma grande diferença entre narrar e informar, pois a informação funciona como algo momentâneo, que será esquecido brevemente e na narração se criam raízes, essa vive por muito mais tempo na memória de seus ouvintes e é repassada futuramente. Para tanto é relevante o que diz Benjamin (1994) sobre isso:

“A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.” (BENJAMIN, p. 07).

Existe um motivo pelo qual na narração não ocorre o fácil apagamento dos fatos como acontece na informação, nesta não há a interpretação pessoal do interlocutor como pode suceder quando este ouve um acontecimento narrado.

“O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.” (BENJAMIN, 1994, p. 06).

O narrador, mesmo apresentando várias formas e tipos, pode expressar-se numa imagem de conselheiro através das experiências vivenciadas por ele mesmo ou a de outras pessoas das quais extraiu suas histórias.

“(…) narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.” (BENJAMIN, p. 19).

Porém, é importante enfatizarmos, mais uma vez que, se tratando de textos literários, mais especificamente o conto como já mencionamos, não há semelhança alguma entre autor e narrador. O autor faz a concepção da escrita, a criação do texto, mas a maneira como é contada pertence ao narrador elegido por ele, ou seja, pelo foco narrativo que permeará na narrativa, o ponto de vista e maneira de contar os fatos pelo narrador. Este poderá estar a par de todas as situações e acontecimentos da história, bem como ter conhecimento dos pensamentos e sentimentos das demais personagens.

O narrador, de forma geral, vem se modificando com o passar do tempo, por consequências das mudanças sociais advindas da transformação da sociedade, ou seja, o foco narrativo foi se aperfeiçoando e tornou-se mais complexo. Temos como hipótese a que o narrador foi se tornando “menos confiável”, perdendo credibilidade em face de sua “pouca experiência ocular”, precisando agregar, então, “outros narradores” e outras “técnicas” ou “focos”, de forma que conte, narre, de distintas maneiras, a fim de tomar a atenção absoluta do leitor.

1.2 O gênero Conto: um percurso pela sua origem e características

Antes de passarmos à apresentação das teorias sobre o foco narrativo e os tipos de narradores, assim como a exemplificação de contos da literatura brasileira, levantaremos a origem e características específicas sobre esse gênero discursivo. Para isso, abordaremos a autora Nádia Battella Gotlib (2006) e suas visões sobre os teóricos Poe e Cortázar. Para começar, é indispensável apresentar o que diz Gotlib (2006) sobre a procedência da palavra “contar”:

“ O *contar* (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evoluiu para o registrar as estórias, por escrito. Mas o *contar* não é simplesmente um *relatar* acontecimentos ou ações. Pois *relatar* implica que *o acontecido seja trazido outra vez*, isto é: *re* (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido.” (GOTLIB, 2006, p. 12).

Foi contando estórias, oralmente, que surgiram as suas formas escritas e conseqüentemente o gênero tratado: o conto. Mas para escrever um conto, é preciso mais do que apenas narrar fatos sobre determinado assunto, o qual envolve certas personagens, é preciso manter o leitor focado, envolvido na estória de maneira que esta seja a coisa mais importante do mundo naquele momento. Porém, isso nada tem a ver com a dimensão do conto, mas sim pelo propósito que causará a seu leitor. É interessante enfatizarmos o que diz Poe acerca disso:

“ No conto breve, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou extrínseca que resulte de cansaço ou interrupção.” (Poe, apud GOTLIB, 2006, p. 34).

Entretanto, o Conto tem características únicas, se diferenciado, por exemplo, do Romance, o qual os leitores tem visões distintas dessas narrativas ao serem comparadas. Para tanto, Gotlib cita o autor Frank O'Connor e sua visão acerca desse mote:

“O conto, segundo o autor, visa satisfazer o leitor solitário, individual, crítico, porque nele não há heróis com os quais este possa se identificar, tal como acontece no romance, em que esta solidão é de certa forma amenizada ou desaparece, na medida em que compartilha as ações do herói e se identifica com ele.” (GOTLIB, 2006, p. 57).

Ainda defendendo a teoria de Poe sobre o conto, Gotlib enfatiza a “singularidade” dessa narrativa e o que faz dela uma escrita única, sucinta e completa.

“(…) o conto é o que tem unidade de tempo, de lugar e de ação. O conto é o que lida com um só elemento: personagem, acontecimento, emoção e situação. E o autor sustenta com tal rigor esta teoria, que marcou época na história da teoria do conto.” (GOTLIB, 2006, p. 59).

É factível que, de certa forma, o conto é menos favorecido que o Romance, mas por se tratar de uma narrativa longa, este deve ser minucioso, oferecendo ao leitor os mínimos detalhes dos acontecimentos, diferenciando do conto, que apresenta uma narração mais rápida, porém sem a ocultação de ocorrências importantes. Para isso, enfatizaremos o que diz Gotlib (2006):

“ O conto é uma forma *breve*. Esta afirmação, que aparece toda vez em que se tenta definir o conto, nos leva a um conhecido ditado: “No conto não deve *sobrar* nada, assim como no romance não deve *faltar* nada.” (GOTLIB, 2006, p. 63).

Por outro lado, mesmo se tratando de uma narrativa mais curta, o conto não pode deixar de ser valorizado, pois neste gênero podemos encontrar histórias magníficas, mesmo que apresentadas sucintamente. Dessa maneira, é importante salientarmos o que diz Gotlib (2006):

“Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta.” (CORTÁZAR, apud GOTLIB, 2006, p. 68).

1.1.1 Percepções acerca do Foco Narrativo: uma trajetória pelos tipos de narradores

Nesta seção abordaremos questões sobre o “Foco Narrativo”, de Ligia Chiappini Moraes Leite (2001) e nossas considerações sobre o tema, tais como nosso ponto de vista sobre o assunto, abordando exemplos que permearão textos literários, mais especificamente contos. Ainda, aprofundaremos as concepções de Chiappini sobre a tipologia de Friedman, apresentando uma leitura complementar de artigo do próprio autor e suas classificações quanto aos tipos de narrador.

Para começarmos, abordaremos o gênero Romance, que a autora trata como conflito entre “a poesia do coração” e a “prosa de circunstâncias” é importante levantar o que Chiappini (2001, p. 12) ressalta:

O ROMANCE, a partir daí, começa a ser visto como um gênero enciclopédico que se alimenta dos outros anteriormente existentes. Nele o DRAMÁTICO e o ÉPICO convivem, e essa distinção, agora interiorizada, será, como veremos, o eixo de toda a teoria do FOCO NARRATIVO. (CHIAPPINI, 2001, p. 12).

Acreditamos que, no Romance, há uma miscigenação de Épico e Dramático, uma vez que o primeiro se realiza, em especial, na narrativa e o segundo, nos diálogos. Estes constituem o centro da teoria do Foco Narrativo por ser a base no que se refere a textos literários, ou seja, por terem sido as primeiras narrativas existentes e com isso no Romance há uma influência ligada ao Épico e Dramático por nascer posteriormente. Para esses tipos de narrativas, ressaltaremos a questão de distinção do “narrar” e “imitar”, levando em conta questões relevantes sobre “Arte Poética”, de Aristóteles:

“A epopéia e a poesia trágica, assim como a comédia, a poesia ditirâmbica, a maior parte da aulética e da citarística, consideradas em geral, todas se enquadram nas artes de imitação. Contudo há entre estes gêneros três diferenças: seus meios não são os mesmos nem os objetos que imitam, nem a maneira de os imitar.” (ARISTÓTELES, 2001, p. 01)

Dessa forma, podemos salientar que mesmo que haja imitação, cada gênero tem sua forma distinta de imitar. Ainda seguindo Aristóteles, é importante observar o que o mesmo diz: “*É evidente que cada uma das imitações de que falamos apresentará estas mesmas diferenças, e também alguns aspectos exclusivos delas, porém inseridos na classificação exposta*”. (ARISTÓTELES, 2001, p. 03).

Quanto à Comédia e Tragédia, diferenciam-se por uma representar o lado ridículo das pessoas, ou seja, fatos supérfluos, sem significado importante e a outra por simular a dor, o sofrimento, sentimentos dignos que fazem mais sentido. É importante salientarmos o que diz Aristóteles quanto a essa problemática:

A comédia é, como já dissemos, imitação de maus costumes, mas não de todos os vícios; ela só imita aquela parte do ignominioso que é o ridículo. O ridículo reside num defeito ou numa tara que não apresenta caráter doloroso ou corrupto. Tal é, por exemplo, o caso da máscara cômica feia e disforme, que não é causa de sofrimento. (ARISTÓTELES, 2001, p.07).

A tragédia, por sua vez, mostra as qualidades e defeitos do homem, não de forma real, pois a literatura apenas dialoga com a realidade. É importante citarmos mais uma vez Aristóteles, no que diz respeito em sua Arte Poética:

A parte mais importante é a da organização dos fatos, pois a tragédia é imitação, não de homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta também da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma forma de ser. (ARISTÓTELES, 2001, p.09).

Retornando à Epopéia, o narrador torna-se mais distante do “mundo narrado”, diferenciando-se do narrador de Romance, que por sua vez envolve o leitor em fatos cotidianos, pequenos detalhes que deixam o leitor fazer parte da história por meio dos sentimentos expressos das personagens, diferente das aventuras vividas pelos heróis da Epopéia. Para afirmarmos isso, é importante salientar o que Chiappini (2001, p. 13) ressalta:

Na EPOPÉIA, O NARRADOR tinha uma visão de conjunto e se colocava (e colocava o seu público) à distância do mundo narrado. O seu tom era solene; ele era o rapsodo, uma espécie de vate, de iniciado, de mediador entre as musas e seus ouvintes. Já o narrador do ROMANCE — quando a narrativa se prosifica na visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, os sentimentos dos homens comuns e não as aventuras dos heróis — perde a distância, torna-se íntimo, ou porque se dirige diretamente ao leitor, ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados. (CHIAPPINI, 2001, p.13)

O Romance “Os Ratos” de Dyonelio Machado (2004), por exemplo, retrata essa questão de fazer com que o leitor sintam-se envolvido ao longo da narrativa, uma vez que a obra possui 28 capítulos percorridos em 24 horas de total angústia e ansiedade da personagem protagonista, Naziazeno (pequeno funcionário público), que vive um drama

ao necessitar de dinheiro emprestado para pagar ao leiteiro e dessa forma não deixar seu filho sem o alimento tão básico.

Para especificarmos o narrador que torna a leitura envolvente e até mesmo que aparece interferido na mesma, apresentaremos algumas categorias criadas por Norman Friedman, citadas por Chiappini (2001) e as teorias do próprio autor, que abordaremos no decorrer dessa seção. Ao identificarmos o tipo de narrador podemos observar se é um narrador em primeira ou terceira pessoa, em que posição o narrador conta a estória, se este utiliza pensamentos, percepções, sentimentos e até mesmo se há falas do próprio autor na narrativa. Friedman (2002, p. 171) explica como isso é transmitido ao leitor:

Já que o problema do narrador é a transmissão apropriada de sua estória ao leitor, as questões devem ser algo como: 1) Quem fala ao leitor? (autor na primeira ou terceira pessoa, personagem na primeira ou ostensivamente ninguém?); 2) De que posição (ângulo) em relação à estória ele a conta? (de cima, da periferia, do centro, frontalmente ou alternado?) 3) Que canais de informação o narrador usa para transmitir a estória ao leitor? (palavras, pensamentos, percepções e sentimentos do autor; ou palavras e ações do personagem; (...)) (FRIEDMAN, p. 171).

As classificações de Friedman, as quais não aparecem implicitamente nas obras de ficção, são conceituadas como primeira categoria o “Narrador onisciente intruso”, que nada mais é o que o próprio nome nos revela, ou seja, há interferências que o autor discute no decorrer da narrativa e também dialoga com o leitor.

Chiappini (2001) aborda como exemplo para esse tipo de narrador o autor “Machado de Assis”, que levanta comentários, tenta explorar e colocar-se no ponto de vista dos leitores. Porém, esse tipo de narrador (intruso) saiu de moda no começo do século XIX e foi substituído pela invenção de Flaubert com o “indireto livre”, citado por Chiappini (2001, p.29), que constitui em narrar como se a história não necessitasse de um narrador e fosse contada por ela própria:

Muito comum no século XVIII e no começo do século XIX, o NARRADOR ONISCIENTE INTRUSO saiu de moda a partir da metade desse século, com o predomínio da "neutralidade" naturalista ou com a invenção do INDIRETO LIVRE por Flaubert que preferia narrar como se não houvesse um narrador conduzindo as ações e as personagens, como se a história se narrasse a si mesma. (CHIAPPINI, 2001, p.29).

Para tal classificação, abordaremos, como exemplo para o autor onisciente intruso, o conto “O Negro Bonifácio”, de João Simões Lopes Neto (1998), o qual o narrador põe suas percepções ao longo do conto, como se estivesse falando com o leitor. É possível identificar o autor intruso em comentários do autor, como, por exemplo, “Eta! negro pachola” (NETO, 1998, p.07) e em “Que peleia mais linda!” (NETO, 1998, p.08). Podemos observar mais interferência do autor no trecho a seguir:

A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina estrebuchando, a morecha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada bonita, sempre! ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, tateou no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco vancê compreende?... e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer estraçalhar uma causa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!... (NETO, 1998, p.09).

Dessa forma, o narrador trata dos sentimentos alheios como se fosse seus ou os soubesse exatamente como se passaram, característica do autor onisciente intruso.

Tratando-se do “Narrador onisciente neutro”, segunda categoria designada por Friedman, que é a que se representa em terceira pessoa, narra os fatos de fora da história, não é personagem. Esta categoria diferencia-se do narrador onisciente intruso por distinguir os comentários, porém levanta detalhes e sentimentos sobre as personagens. Relevante é o que diz Friedman (2002, p. 174):

(...) difere do Autor Onisciente Intruso apenas devido à ausência de intromissões autorais diretas (o autor fala de modo impessoal, na terceira pessoa) (...). A ausência de intromissões não implica necessariamente, contudo, que o autor negue a si mesmo uma voz ao usar o espectro do Narrador Onisciente Neutro. (FRIEDMAN, p. 174).

Para essa classificação, exemplificaremos como “Narrador onisciente neutro” o conto “Uma Casa” de Moacyr Scliar (1988, p.35) que, narrado em terceira pessoa, conta a história de um senhor solitário, que ao descobrir uma doença e sentindo-se a beira da morte reflete sobre sua vida e fica aflito pelo fato de não ter adquirido uma casa própria:

Um homem estava chegando ao fim de sua vida sem ter comprado uma casa. Na segunda-feira tivera um ataque de angina; perguntou ao médico se era grave e quanto tempo lhe restava de vida. – Quem sabe? - disse o doutor secamente- Talvez uma hora, talvez dez anos. O homem se impressionou e pôs-se a pensar, o que não fazia há longo tempo (...) (SCLIAR, 1988, p. 35)

Dessa maneira, o narrador apenas vai transmitindo os acontecimentos sem dar voz à personagem e assim sem deixar transparecer suas emoções e sentimentos.

O “Narrador-testemunha”, terceira categoria criada por Friedman, é representado por uma personagem secundária, que vivencia os fatos, acontecimentos, e os repassa para o leitor de forma “verossímil”, ou seja, aparentemente trata-se de um fato verdadeiro. O narrador-testemunha não tem capacidade de narrar o que passa no pensamento das outras personagens, conta a sua percepção e o que sabe dos acontecimentos presentes na história. Como exemplo para essa categoria, citaremos o conto “A orelha de Van Gogh” de Moacyr Scliar (1989, p.33), no qual um filho (personagem secundária) narra um fato sobre a vida de seu pai, homem modesto que se atrapalha ao administrar um pequeno armazém, adquirindo uma dívida imperdoável com um de seus fornecedores. Ao longo do conto, o filho vai relatando que o pai descobre a paixão do credor pelo pintor Van Gogh e pensa no plano de arrumar uma orelha (que o próprio Van Gogh cortou em um excesso de loucura) para dar ao fornecedor como troca pelo perdão da dívida.

Estávamos, como de costume, à beira da ruína. Meu pai, dono de um armazém, devia a um de seus fornecedores importante quantia. E não tinha como pagar. Mas, se lhe faltava dinheiro, sobrava-lhe imaginação... Era um homem culto, inteligente, além de alegre. (...) Meu pai retirou na biblioteca um livro sobre Van Gogh e passou o fim de semana mergulhado na leitura. Ao cair da tarde de domingo, a porta de seu quarto se abriu e ele surgiu, triunfante: - Achei! Levou-me para um canto- eu, aos doze anos, era seu confidente e cúmplice, os olhos brilhando. (SCLIAR, 1989, p.33).

Para tal exemplo, é importante salientarmos o que Friedman ressalta (2002, p. 176) em relação ao “Narrador-testemunha”:

A consequência natural desse espectro narrativo é que a testemunha não tem um acesso senão ordinário aos estados mentais dos outros; logo, sua característica distintiva é que o autor renuncia inteiramente à sua onisciência em relação a todos os outros personagens envolvidos, e escolhe deixar sua testemunha contar ao leitor somente aquilo que ele, como observador, poderia descobrir de maneira legítima. (FRIEDMAN, 2002, p. 176).

Através das palavras de Friedman é exatamente o que podemos observar no conto citado acima, o “narrador-testemunha” (filho que vivencia as dificuldades e loucuras do pai) narra as atitudes e sente-se confiante do pai, contando-nos ao longo da narrativa apenas o que é relevante para ele. Para isso, é importante salientarmos o que diz Friedman (2002, p. 176):

O que a testemunha pode transmitir de maneira legítima ao leitor não é tão restrito como pode parecer à primeira vista: ele pode conversar com todas as personagens da estória e obter seus pontos de vista a respeito das matérias concernentes (...) (FRIEDMAN, 2002, p. 176).

Na quarta categoria, classificada por “Narrador-protagonista”, há o desaparecimento da onisciência, ou seja, o narrador não sabe de tudo, principalmente tratando-se do “estado mental” das personagens presentes na narrativa, uma vez que esse tipo de narrador é a personagem principal. O “Narrador-protagonista” narra a história através de suas percepções e sentimentos, deixando de lado o que passa na cabeça das demais personagens, levantando assim sua visão sobre os fatos. Relevante é o que diz Friedman (2002, p. 177) sobre esse tipo de narrador:

O narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções. De maneira semelhante, o ângulo de visão é aquele do centro fixo. E, uma vez que o narrador-protagonista pode resumir ou apresentar de modo direto muito da mesma forma que a testemunha, a distância pode ser longa ou curta, ou ambas. (FRIEDMAN, 2002, p. 177).

Para tal classificação focaremos no conto “Zap”, de Moacyr Scliar, no qual o narrador protagonista narra como fica totalmente preso no aparelho de televisão, utilizando o controle remoto a todo momento, de forma que os programas não o chama a atenção e o vício de variar os canais lhe persegue. O narrador vai levantando percepções que o mesmo tem de sua mãe, mas o que predomina é o sentimento tomado pela ausência de seu pai, que trocou a família pela paixão ao rock. O mesmo, ao aparecer em um programa de televisão, o filho, narrador protagonista, não consegue assistir à entrevista, na qual seu pai estava sendo questionado, pelo impulso de utilizar o controle remoto, como se este representasse a fuga da realidade.

Para observarmos o aparecimento desse tipo de narrador, protagonista, é importante olharmos o seguinte trecho do conto:

“Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para o outro-

uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito mais fácil. Estou num canal, não gosto- zap, mudo para outro. Não gosto de novo- zap, mudo de novo.” (Scliar, 2009, p. 547).

Ao citarmos a categoria “Onisciência seletiva múltipla”, é possível dizer que nela há o desaparecimento da “pessoa” que narra, a estória é contada através da “mente das personagens” e os fatos vivenciados pelas mesmas. Diferencia-se da “Onisciência neutra” pelo autor abordar os sentimentos e pensamentos presentes na mente das personagens, fazendo de forma detalhada. É pertinente o que diz Friedman (2012, p. 177) sobre essa categoria:

(...) o leitor ostensivamente escuta a ninguém; a estória vem diretamente das mentes dos personagens à medida que lá deixa suas marcas. Como resultado, a tendência é quase inteiramente na direção da cena, tanto dentro da mente quanto externamente, no discurso da ação; (...). (FRIEDMAN, 2012, p.177).

Para essa classificação debateremos sobre o conto “Baleia” de Graciliano Ramos, no qual são narradas as percepções e sentimentos das personagens, como podemos observar no trecho a seguir:

Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre da Baleia. Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Suspirou. Coitadinha da Baleia. (RAMOS, 2009, p. 96).

Ainda, foi possível identificar, no referido conto, os sentimentos da própria personagem Baleia, que é a cadela de estimação da família que, por estar muito doente, seu dono, Fabiano, decidiu sacrificá-la.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis. (RAMOS, 2009, p. 97).

Ao citarmos a “Onisciência seletiva”, semelhante com a anterior, é possível dizer que nessa classificação surge apenas uma personagem e não várias. Os fatos são mostrados por meio das percepções da personagem principal, ou seja, através de seu ponto de vista. Exemplificaremos, para esta classificação, a autora Clarice Lispector. Anteriormente, é importante levantarmos o que ressalta Friedman (2002) quanto à Onisciência Seletiva:

Aqui, o leitor fica limitado à mente de apenas um dos personagens. Logo, em vez de ser-lhe permitida uma composição de diversos ângulos de visão, ele encontra-se no centro fixo. As demais questões têm as mesmas respostas dadas nas categorias anteriores. (FRIEDMAN, 2002, p.178).

Para esse tipo de narrador abordaremos como exemplo o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, no qual percebemos os sentimentos e percepções de apenas uma personagem, como podemos observar no trecho abaixo:

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois o abri, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já presentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. (LISPECTOR, 2009, p.312).

O “Modo dramático”, mais uma categoria de Friedman, faz uma espécie de “apagamento” dos pensamentos e percepções das personagens e a narrativa enfoca-se nas falas dessas, como menciona Chiappini (2001). Nessa classificação fica mais difícil identificar os sentimentos das personagens, é preciso nos determos em pequenos detalhes das falas para que possamos explorar o que passa na mente de cada uma. Devemos salientar o que ressalta Friedman (2002, p. 178) sobre o modo dramático:

Tendo eliminado o autor e o narrador, já estamos prontos para colocar juntos os estados mentais. As informações disponíveis ao leitor no Modo Dramático limitam-se em grande parte ao que os personagens fazem e falam; suas aparências e o cenário devem ser dados pelo autor como que em direções de cena: nunca há, entretanto, nenhuma indicação direta sobre o que eles percebem (um personagem pode olhar pela janela- um ato objetivo- mas o que ele vê é da conta dele), o que pensam ou sentem. (FRIEDMAN, 2002, p.178).

Para exemplificarmos essa classificação, abordaremos o conto “Fazendo a barba”, de Luiz Vilela, pois nessa narrativa o narrador somente contextualiza o espaço em que se passa a estória, ou seja, não induz o leitor a nenhum sentimento expresso

pelas personagens, este pode observar algo apenas nas próprias falas das mesmas, como podemos perceber no trecho abaixo, referente ao início do conto:

O barbeiro acabou de ajeitar-lhe a toalha ao redor do pescoço. Encostou a mão:
 - Ele está quente ainda...
 - Que horas que foi? – perguntou o rapazinho.
 O barbeiro não respondeu. Na camisa semiaberta do morto alguns pelos grisalhos apareciam. O rapazinho observava atentamente. Então o barbeiro olhou para ele.
 - Que horas que ele morreu?- o rapazinho tornou a perguntar.
 - De madrugada- disse o barbeiro; - ele morreu de madrugada. (...) (VILELA, 2009, p. 345).

A última categoria definida por Friedman denomina-se “Câmera” e exclui totalmente o autor. Essa classificação é concebida pelos chamados “flashes” que representam o real e funcionam como se estivessem sendo mostrados por uma câmera, de fora, ou seja, faz-se um fragmento dentro da obra literária. Para finalizar as classificações dos tipos de narradores, é importante ressaltar o que Friedman (2002) destaca sobre a “Câmera”:

Em grande parte por uma questão de simetria, nosso relato dos tipos de ponto de vista pode ser concluído com aquele que parece ser o último em matéria de exclusão autoral. Nele, o objetivo é transmitir, sem seleção ou organização aparente, um “pedaço da vida” da maneira como ela acontece diante do *médium* de registro. (FRIEDMAN, 2002, p. 179).

Para essa categoria, exemplificaremos com o conto “Primeiro beijo”, de Clarice Lispector, no qual, a personagem principal, ao contar como foi sua primeira experiência do primeiro beijo, remete o leitor em outro espaço, ou seja, ocorre um fragmento dentro da narrativa, como podemos observar a seguir:

- Sim, já beijei antes uma mulher.
 - Quem era ela? Perguntou com dor.
 Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer. O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir - era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros. (LISPECTOR, disponível em: <http://claricelispector.blogspot.com/2007/11/o-primeiro-beijo.html>)

1.1.2 Síntese da classificação de Friedman: um olhar pelos tipos de narradores em contos brasileiros analisados

Nos contos brasileiros analisados, consideramos 3 (três) livros de coletâneas, dentre elas: “Os cem melhores contos brasileiros”, “A orelha de Van Gogh” e “Contos gauchescos”, das quais analisamos 8 (oito) autores/contistas e 20 (vinte) contos, especificamente, e pudemos observar os tipos de narradores nas histórias lidas. Os autores selecionados foram João Simões Lopes Neto, Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Moacyr Scliar.

Assim, foi possível chegarmos a uma síntese ao verificamos, nos contos, quais as classificações, ou seja, os tipos de narradores que predominam nas narrativas analisadas com o intuito de mostrarmos os resultados. Dessa forma, construímos baseada nas análises, uma tabela com a recorrência dos tipos de narradores e suas predominâncias, ou seja, se são *muito presente*, *presente* ou *pouco presente* dentre os contos estudados.

Recorrência do foco narrativo nos contos brasileiros analisados	Muito presente	Presente	Pouco presente
Autor onisciente intruso		X	
Narrador onisciente neutro	X		
Narrador-testemunha		X	
Narrador-protagonista		X	
Onisciência seletiva		X	

múltipla			
Onisciência Seletiva	X		
O modo Dramático		X	
A câmera			X

Tabela 1. Recorrências de foco narrativo nos contos analisados

Dessa maneira, podemos concluir que todas as classificações de Friedman, foram encontradas entre os contos brasileiros analisados e que as que mais predominaram dentre elas foram o “Narrador Onisciente Neutro e a Onisciência seletiva”.

Além da tabela para visualizarmos as recorrências dos tipos de narradores, construímos outra tabela para observarmos os focos narrativos por período histórico. Nos resultados obtidos foi possível percebermos que o “Autor onisciente intruso” está desaparecendo dos contos brasileiros e que o modo “Câmera” surgiu com o passar do tempo, ou seja, é um foco narrativo utilizado a partir dos anos 60.

Número de contos por período e por foco	1900- 1930 (8 contos analisados)	1930- 1960 (3 contos analisados)	1960- 1990 (9 contos analisados)
Autor onisciente intruso	1	-	-
Narrador onisciente neutro	-	1	2
Narrador- testemunha	1	-	1
Narrador- protagonista	-	1	1

Onisciência seletiva múltipla	3	-	-
Onisciência Seletiva	3	-	2
O modo Dramático	-	1	2
A câmera	-	-	1

Tabela 2. Número de contos e focos por período histórico

É possível observarmos também que no primeiro período são identificados 4 focos, no segundo período 3 focos e no terceiro período são encontrados 6 focos. Dessa maneira, podemos ressaltar e confirmar que houve aumento dos tipos de focos com o decorrer dos anos. É importante salientarmos que são poucos os contos estudados, no entanto foi possível percebermos uma leve tendência do aumento de número dos focos narrativos. Ainda, é relevante observarmos que o número de contos são diferentes em cada período, por isso foram identificados distintas predominâncias dos focos narrativos.

1.1.3 Aprofundamento da visão do foco narrativo: um ponto de vista distinto

Com relação ao estudo do capítulo “A cicatriz de Ulisses”, escrito por Auerbach (1996, p. 01 à 20) foi possível (re)pensar e refletir sobre as considerações feitas acerca do foco narrativo e os tipos de narradores, uma vez que, ao enfatizar a obra “Odisséia”, de Homero, o autor traz percepções do modo como o “estilo homérico” transparece no decorrer da narrativa. Auerbach (1996) aprofunda o tema referido apresentando uma reflexão sobre certa passagem na obra “Odisséia” por esta apresentar uma espécie de fuga dentro da narração, ou seja, o foco narrativo adotado por Homero sofre mudanças, o que pode deixar o leitor confuso e até mesmo, em alguns momentos, perdido quanto ao espaço e tempo da narrativa.

Auerbach (1996, p. 01 à 20) norteia e discute os fatos pelo estilo como a obra é narrada fazendo menção de uma cena do canto XIX, a qual Ulisses, herói protagonista,

ao disfarçar-se de forasteiro em sua antiga casa é descoberto, e quase desmascarado para Penélope, por sua ama Euricléia que reconhece a cicatriz que Ulisses possuía na perna, a qual havia obtido em sua infância. Durante a revelação, é de extrema importância o detalhamento referido de como o protagonista e herói reage ao impedir que sua ama revele para o resto da casa sua verdadeira identidade, de forma que recorre por recursos físicos, mantendo Euricléia calada ao impedir que a mesma possa falar, apertando seu pescoço com a mão direita, levando para o leitor momentos precisos de como ocorre a cena:

“Da destra ele sustendo-lhe a garganta,

A si da esquerda a puxa: “Ama, a teus peitos

Amamentado, querer tu perder-me?

Volto ao vigésimo ano, após mil transes:

Mas, já que um nune to mostrou, silêncio,” (HOMERO, v.365)

Neste “momento de crise”, como enfatiza Auerbach (1996), ocorre uma interrupção dos fatos, ou seja, há uma fuga do acontecimento momentâneo para relato do surgimento daquela cicatriz, havendo, mais uma vez, uma narrativa em detalhes, o que deixa o leitor ansioso. Ocorre então uma mudança da narração para um episódio do passado, com o intuito de o leitor esquecer-se da problemática que estava sendo narrada: o descobrimento da verdadeira identidade daquele desconhecido.

É considerável que, nessas ocorrências, haja uma espécie de estratégia de narração para ganhar tempo, prendendo o leitor e levando-o para outro lugar, ou seja, é feita uma pausa dos acontecimentos atuais, o presente na narrativa segue seu percurso, que deveria ser em outro plano. Porém, essa recapitulação do passado é representada sem haver um distanciamento do presente, dessa forma a personagem Euricléia ganha nova forma e foge dos olhos do leitor, pois é posta como uma jovem que entrega o recém-nascido (Ulisses) nos braços de seu avô, não há diferenciação do que é passado e presente. Isso ocorre por ser o estilo e método utilizado por Homero. É relevante o que diz Auerbach (1996) acerca dessa questão:

“(…) a crise e a tensão devem ser mantidas, permanecer conscientes, num segundo plano. Só que Homero, e teremos de voltar a isso, não

conhece segundos planos. O que ele nos narra é sempre somente presente, e preenche completamente a cena e a consciência do leitor.” (AUERBACH, 1996, p.3).

Há na poesia de Homero o que Auerbach (1996) apresenta como “elemento retardador”, o qual aparece inserido na narrativa mesmo que de forma implícita. É importante enfatizarmos o que diz o autor acerca dessa concepção: *“O elemento retardador, o “avançar e retroceder” mediante interpolações, também a mim parece estar, na poesia homérica, em contraposição ao tenso impulso para uma meta.”* (AUERBACH, 1996, p. 3).

Além do mais, o autor acrescenta que esse retardamento fica nítido por Homero fazer questão de esclarecer os fatos, mantendo o leitor informado e contextualizado, sem o deixar leigo no assunto nem ocultar eventos importantes, mesmo que sejam passados ao leitor em uma mistura de tempo e espaço. Para tanto, podemos observar o seguinte:

“Mas a verdadeira causa da impressão de retardamento parece-me residir em outra coisa; precisamente, na necessidade do estilo homérico de não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou inacabado.” (AUERBACH, 1996, p. 3).

Contudo, por mais que os fatos sejam narrados com detalhes, sem ocultar acontecimentos importantes ao leitor, este não diferencia o espaço e tempo no “estilo homérico”, ou seja, não é possível sentir essa distinção ao longo da narrativa por não haver posicionamento de outro plano. Dessa forma, não há como distinguir no meio da narrativa essa mudança drástica do presente para o passado.

“(…) se se apresentasse, por exemplo, a estória da cicatriz como lembrança de Ulisses, tal como ela aparece neste momento na sua consciência, isto teria sido muito fácil: teria sido necessário começar simplesmente com a narração da cicatriz dois versos antes, quando da primeira menção da palavra “cicatriz”, onde já estão disponíveis os motivos “Ulisses” e “lembrança”. (AUERBACH, 1996, p.05).

Assim, seria possível fazer uma fragmentação dentro da narrativa, o acontecimento em si, a cicatriz, poderia ser narrada de maneira única, sem que houvesse miscigenação de fatos atuais com fatos antigos. Porém, mesmo que mencionada no mesmo instante da descoberta, o surgimento da cicatriz é narrado como se fosse uma estória única e com presente autônomo. Com base no que enfatizamos é importante destacar o que diz Auerbach (1996):

“Mas um tal processo subjetivo-perspectivista, que cria um primeiro e um segundo planos, de modo que o presente se abra na direção das profundezas do passado, é totalmente estranho ao estilo homérico, ele só conhece o primeiro plano, só um presente uniformemente iluminado, uniformemente objetivo; e assim, a digressão começa só dois versos depois, quando Euricléia já descobriu a cicatriz- quando a possibilidade da ordenação em perspectiva não mais existe, e a estória da cicatriz torna-se um presente independente e pleno.” (AUERBACH, 1996, p. 05).

Por outro lado, tratando-se do modo como essa personagem é concebida na narrativa, podemos salientar que se trata de um herói que nada mais é do que uma mentira, uma ilusão de como seria a versão humana de um verdadeiro herói. É relevante o que diz Auerbach acerca desse assunto:

“E eles nos encantam e cativam de tal maneira que realmente compartilhamos o seu viver. Enquanto ouvimos ou lemos a sua estória, que é tudo “mentira”. A exprobração frequentemente levantada contra Homero de que ele seria um mentiroso nada tira da sua eficiência; ele não tem necessidade de fazer alarde da verdade histórica do seu relato, a sua realidade é bastante forte; emaranha-nos, apanha-nos em sua rede, e isto lhe basta.” (AUERBACH, 1996, p. 10).

Dessa forma, podemos enfatizar que a cicatriz é a representação do ponto fraco do herói, havendo demonstração de seu lado humano e levantando aspectos que provam que esse herói é feito de carne e osso.

“As considerações de caráter geral que se encontram ocasionalmente em nosso episódio, por exemplo, o verso 360: “pois na desgraça os homens logo envelhecem”- revelam uma tranquila aceitação dos dados da existência humana, porém não a necessidade de cismar sobre o assunto, e menos ainda, um impulso apaixonado, seja de se levantar contra isto, seja de se submeter com abandono extático.” (AUERBACH, 1996, p. 11).

Para reforçarmos essa ideia devemos (re)lembrar que no decorrer da estória há o envelhecimento de Ulisses, deixando de lado a identidade de herói da personagem para fazer uma relação herói/homem, mesmo que essa trajetória não esteja apresentada de forma cronológica. Para tanto é importante observar o que diz Auerbach (1996) diz sobre os “heróis homéricos”:

“Os heróis homéricos estão tão pouco apresentados no seu desenvolvimento presente e passado que, na sua maioria- Nestor, Agamemnon, Aquiles- aparecem com uma idade pré-fixada. O próprio Ulisses que dá tanta margem a um desenvolvimento histórico-vital,

graças ao longo tempo narrado e aos muitos acontecimentos que nele ocorrem, quase nada mostra disso tudo.” (AUERBACH, 1996, p. 14).

Dessa forma, podemos enfatizar que as classificações do foco narrativo, mencionadas na seção anterior, as quais há vários tipos de narradores, transparece na obra *Odisseia*, bem como em outras obras antigas. Não é possível seguir um modo único de narrar, como vimos no estilo homérico, pois é provável que, mesmo inconscientemente, haja uma fuga do tipo de narrador adotado pelo autor. Isso ocorre em *Odisseia*, por Homero narrar o surgimento da cicatriz, o que pode ser representada pelo detalhe, ou seja, ao mencionar e detalhar um fato passado, o autor fugiu do plano atual da narração e passou para um segundo plano sem situar o leitor. Assim, podemos destacar que, mesmo implicitamente e sem posicionamento de Homero, ocorre o que Friedman (apud Chiappini, 2001) afirma sobre narrativa e cena:

a diferença principal entre narrativa e cena está de acordo com o modelo geral particular: sumário narrativo é um relato generalizado ou a exposição de uma série de eventos abrangendo um certo período de tempo e uma variedade de locais, e parece ser o modo normal, simples, de narrar; a cena imediata emerge assim que os detalhes específicos, sucessivos e contínuos de tempo, lugar, ação, personagem e diálogo, começam a aparecer. Não apenas o diálogo mas detalhes concretos dentro de uma estrutura específica de tempo-lugar são os sine qua non da cena. (Point of View in Fiction, p. 119-20.)

Dessa maneira, podemos enfatizar que Homero não aborda essa diferenciação do tempo e lugar na cena do canto XIX como mencionamos anteriormente, fazendo com que o leitor fique perdido e confuso no decorrer da narrativa. Porém, ao procedermos a leitura desse mesmo canto é possível percebermos que o autor muda o foco narrativo que predomina no decorrer na obra.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada em nosso trabalho será uma pesquisa de campo acerca do tema Foco Narrativo, que foi realizada, juntamente com a prática de ensino do Estágio em Língua Portuguesa e/ou Literatura III, em uma escola de ensino médio, na cidade de Bagé, com o intuito de identificarmos nas produções escritas de alguns alunos como aparece a questão do Foco Narrativo, bem como sua predominância nos textos produzidos que serão analisados.

A ideia é fazermos uma reflexão com a turma sobre os tipos de narradores a fim de que os alunos identifiquem o foco da narração, (re)conheçam as classificações desse tema e se sintam mais a vontade na questão da produção textual de narrativas, uma vez que a turma, no trabalho final, ou seja, na produção textual, estará familiarizada com o mote que será abordado.

2.1. PROPOSTA DE ENSINO

Como proposta de ensino, realizada nas práticas do Estágio em Língua Portuguesa e/ou Literatura III, abordaremos uma sequência didática que foi planejada juntamente com o projeto de ensino vinculado ao estágio que esteve em vigor nos meses de maio a julho de 2014. Para a questão da sequência didática enfatizaremos os teóricos Dolz e Schneuwly no que diz respeito a este procedimento que foi utilizado durante o planejamento das aulas aplicadas. É importante salientarmos o que diz Dolz e Schneuwly quanto à “sequência didática”: *Uma “sequência didática” é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.* (DOLZ e SCHNEUWLY, 2011, p. 82).

O trabalho teve como meta desenvolver o gênero textual “Conto” com o intuito de trabalhar, vinculado a este, a classificação dos tipos de narradores mencionados anteriormente e teve duração de 17 h/a. O problema transposto na prática de ensino foi a reflexão do aluno para com os tipos de narradores, de modo que este aprendiz identificasse o foco narrativo nos contos que foram apresentados e que este aluno fizesse concepções do tema de forma significativa, a fim de que isso transpareça em suas produções textuais.

A série que escolhemos é um terceiro ano do ensino médio, é importante que a referente pesquisa fosse realizada com alunos mais maduros, pois será de extrema estimativa que esses alunos apresentem algum contato com leituras de narrativas para que não houvesse maiores dificuldades quanto às leituras que foram realizadas.

Tratando-se da sequência de como organizamos as aulas, utilizamos o esquema de sequência didática de Dolz e Scheneuwly (2011, p. 83) na qual os autores apresentam da seguinte forma: *apresentação da situação; produção inicial; módulo 1; módulo 2; módulo n e produção final.* Dessa forma, pensamos na proposta que será aplicada da seguinte maneira:

Apresentação da situação: primeiramente serão apresentadas as classificações do foco narrativo e os tipos de narradores, a fim de que a turma tenha um primeiro contato com o assunto. Para que isso ocorra, utilizaremos, como exemplos, os contos apresentados no capítulo I desse trabalho, bem como alguns contos que foram analisados para a produção da tabela também mencionada anteriormente.

Produção inicial: após apresentação do tema que será abordado durante as 17 h/a de prática de ensino, proporemos uma atividade de produção inicial de um conto com a intenção de fazer com que a turma se contextualize com o gênero proposto e tire suas dúvidas quanto à estrutura e outros aspectos do gênero.

Módulo 1: no decorrer das aulas, serão realizadas atividades que instiguem o aluno a ficar interessado e envolvido com o tema. Para que isso ocorra efetivamente, organizaremos atividades que chamem a atenção desse aluno para o assunto do foco narrativo e uma das propostas será um passeio pelos arredores da escola e solicitado que a turma fotografe algumas situações cotidianas que estarão ocorrendo naquele momento. Essa proposta tem o intuito de fazer com que a turma observe que pode haver vários pontos de vista para uma única situação. Para tanto, será proposta a produção de uma narrativa referente às fotografias que foram registradas, com a finalidade dos alunos exporem suas percepções e ponto de vista dentro da estória narrada, perceberem que é possível aparecer vários pontos de vista em tal narrativa e que esta pode ser contada de inúmeras formas.

Módulo 2: neste módulo será apresentado um curta metragem baseado em conto brasileiro, com a finalidade de os alunos observarem o foco da estória original, o texto em si, com o vídeo adaptado. Utilizaremos o curta baseado em conto da autora Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina”.

Módulo 3: no terceiro e último módulo trabalharemos mais a fundo com a produção textual do gênero proposto, o conto. Será de extrema importância que a turma tenha interagido com as atividades anteriores para que a proposta da escrita ocorra de forma

significativa, pois serão observadas nela como os alunos utilizaram as concepções do foco narrativo.

Produção final: o produto final constituirá da reescrita da produção citada anteriormente, para que esta seja o objeto de análise final desse trabalho.

2.2. COLETA DE DADOS

A pesquisa se realizará por meio da coleta de dados da produção escrita de três alunos, que foram escolhidos no decorrer das aplicações de aulas, pelos seguintes critérios: o primeiro texto será do aluno que mais se destacou durante as aulas e atividades. O segundo texto que analisaremos será do aluno que, mesmo sem ser participativo durante as aulas, obteve uma boa produção textual. Já o terceiro e último texto analisado, será do aluno que não alcançou as expectativas esperadas tanto para a participação das atividades, quanto na produção escrita. Esses três perfis serão escolhidos para que seja possível identificarmos os focos narrativos mais utilizados pelos alunos, suas facilidades, dificuldades e desafios para com o tema proposto.

2.3 PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Público alvo: 3º ano do ensino médio

Gênero textual: Contos

Metodologia: Abordagem sócio-interacionista

Recursos utilizados: folhas impressas, quadro, data show, máquinas fotográficas.

Carga horária: 17h/a

Módulo I: Autor onisciente intruso e Narrador onisciente neutro- 3h/a

1º dia (1h/a)- (Quarta-feira, 11 de junho)

Introdução ao gênero conto. Levantamento do conhecimento prévio da turma a respeito do gênero e da temática abordada. Explicação e apresentação do foco narrativo

Autor onisciente intruso, exemplificando através da leitura do conto “Negro Bonifácio”, de Simões Lopes Neto.

2º dia (2h/a)- (Sexta-feira, 13 de junho)

Apresentação do foco narrativo Narrador onisciente neutro. Exemplificação por meio do conto “Uma casa”, de Moacyr Scliar. Atividade interpretativa sobre questões psicológicas da estória.

Módulo II: “Eu” como testemunha e Narrador-protagonista -3h/a

3º dia (2h/a) – (Quarta-feira, 18 de junho)

Apresentação do foco narrativo “Eu” como testemunha. Exemplificação por meio do conto “A orelha de Van Gogh”, de Moacyr Scliar. Leitura, discussão e interpretação do conto e por fim, produção escrita de um conto com tema livre.

4º dia (1h/aula) – (Quarta-feira, 25 de junho)

Apresentação do foco narrativo “Narrador protagonista”. Exemplificação por meio do conto “Zap”, de Moacyr Scliar. Trabalhar questões interpretativas do conto, dar início ao conteúdo gramatical “Concordância nominal” por meio do texto.

Módulo III: Onisciência seletiva múltipla, Onisciência seletiva e Modo dramático – 5h/a

5º dia (2h/aula) – Sexta-feira, 27 de junho

Apresentação do foco narrativo “Onisciência seletiva múltipla”. Exemplificação por meio do conto “Baleia”, de Graciliano Ramos. Trabalhar questões interpretativas do conto, dar continuidade com a concordância nominal.

6º dia (1h/aula) – Quarta-feira, 02 de julho

Introdução do conteúdo gramatical “concordância verbal”, realização de análise linguística por meio do texto lido na aula anterior e aplicação de exercícios para reforçar o aprendizado.

7º dia (2h/aula) - Quarta-feira, 09 de julho

Apresentação do foco narrativo “Onicidência seletiva”. Exemplificação pelo conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. Apresentação do foco narrativo “Modo Dramático”. Exemplificação por meio do conto “Fazendo a barba”, de Luiz Vilela. Será proposta uma atividade escrita que modifique o foco narrativo, ou seja, como o conto está classificado em “Modo Dramático”, e cada aluno deverá escolher outro foco para reescrevê-lo, de maneira que não permaneça em discurso direto.

Módulo IV: Câmera, atividades extraclasse com fotos e vídeos, avaliação e produção textual final – 5h/a

8º dia (2h/aula) – Sexta-feira, 11 de julho

Apresentação do foco narrativo “Câmera”. Exemplificação pelo conto “Primeiro beijo”, de Clarice Lispector. Atividade extraclasse com fotografia. Para esse dia será realizada uma atividade com fotografias em que os alunos utilizarão câmeras e fotografarão as situações que estarão ocorrendo nos arredores da escola com o intuito de perceberem nas fotografias que pode haver mais de um ponto de vista para um único momento. Posteriormente será solicitado que realizem a produção de uma narrativa referente à imagem, de forma que percebam que pode haver mais de um ponto de vista para cada fotografia.

9º dia (2h/aula) – Quarta-feira, 16 de julho

Avaliação escrita solicitada pela professora regente. Apresentação do curta metragem “Felicidade Clandestina”, baseado no conto de Clarice Lispector, e retomada do texto para que possa ser feita uma comparação do vídeo com o conto original, a fim de que os alunos identifiquem o foco narrativo presente em ambos.

10º dia (2h/aula) – Sexta-feira, 18 de julho

Produção escrita final (reescrita).

2.4 PLANOS DE AULA

Módulo I – 1º dia
11/06 – Quarta-feira (1h/aula)

1. Objetivo geral: Estimular a capacidade afetiva dos alunos pensando nas questões psicológicas contidas no texto.
2. Objetivo específico: Estimular o interesse dos alunos para com gêneros narrativos, bem como a leitura e interpretação do texto escolhido. Reflexão a cerca das questões psicológicas engendradas no texto.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será trabalhado o conto “Negro Bonifácio”, e através dele será apresentado aos alunos o foco narrativo “autor onisciente intruso” com o intuito de que eles comecem a compreender que há várias formas de narrar um texto.
4. Sensibilização: Iniciaremos trabalhando com o conto, pedindo que os alunos façam a leitura. Depois vamos apresentar-lhes o primeiro tipo de foco narrativo a ser trabalhado. Depois, vamos trabalhar com questões psicológicas engendradas no texto, já que o autor conseguiu reunir sua profunda sensibilidade artística às tradições culturais gaúchas nesse conto.
5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula vamos pedir que os alunos façam a leitura do conto “Negro Bonifácio”. Em seguida vamos fazer um breve comentário acerca da leitura e depois apresentaremos o foco narrativo “autor onisciente intruso”.
6. Avaliação: Avaliaremos a habilidade de leitura de cada um dos alunos expressando-se oralmente, e como isso se reflete na turma.

Na primeira aula, foi apresentada para os alunos a primeira categoria do foco narrativo e para contextualizar a questão dos tipos de narradores, tivemos uma conversa com a turma sobre narrativas e de como a escolha do foco da narração é importante, seja em contos, romance ou qualquer narrativa, embora trabalhem apenas com contos no decorrer das aulas. Quanto ao conto que foi trabalhado nessa primeira aula, os alunos demoraram um pouco, como era previsto, para realizarem a leitura silenciosa do mesmo, pois este, comparado ao que estão acostumados a ler é considerado longo. A turma, de forma geral, obteve um bom entendimento quanto à estória e posteriormente para o foco narrativo presente no texto, porém, cerca de 5 alunos participaram efetivamente, entre uma turma de 18 alunos. O conto, “O Negro Bonifácio”, de Simões

Lopes Neto, era conhecido por alguns alunos que, em outra escola, participaram de uma peça teatral referente ao enredo do conto. O foco “Autor onisciente intruso” foi explicado e os próprios alunos, que participaram da discussão em mote, encontraram no conto indícios desse tipo de narrador. Dessa forma, pode-se dizer que os alunos obtiveram um bom entendimento para a primeira categoria de foco narrativo estudado, embora nem todos tenham se expressado oralmente.

Módulo I– 2º dia

13/06 – Sexta-feira (2h/aula)

1. Objetivo geral: Leitura e produção textual.
2. Objetivo Específico: Estimular o interesse pela leitura, através do conto “Uma Casa” de Moacyr Scliar. Produzir um texto narrativo com os prévios conhecimentos adquiridos até o momento e refletir as questões psicológicas do conto lido.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será trabalhado o conto “Uma Casa”, de Moacyr Scliar, onde através dele será apresentado aos alunos o “narrador onisciente neutro”.
4. Sensibilização: A sensibilização será feita no momento em que as estagiárias questionarão os alunos sobre algumas questões psicológicas do texto, envolvendo a turma a pensar criticamente sobre questões como a trajetória da vida de uma pessoa, e suas escolhas.
5. Atividades a serem desenvolvidas: Leitura de conto, abordagem de questões interpretativa-reflexiva sobre motes psicológicos do texto.
6. Avaliação: Avaliaremos a capacidade de interpretação dos alunos acerca de assuntos minuciosos do texto, bem como questões psicológicas do conto e personagens do mesmo.

Para essa aula, primeiramente foi feita uma leitura silenciosa com a turma, após uma leitura em conjunto em que cada aluno leu um parágrafo. Na leitura em conjunto observamos que a maioria da turma tem dificuldade com pontuação e acentuação, por isso sentimos necessidade de reforçar a leitura para melhor rendimento. A compreensão da segunda categoria de foco narrativo, “Onisciência neutra”, ocorreu de forma clara. Um aluno em especial questionou mais sobre a categoria apresentada, fazendo comparações com o texto trabalhado concomitantemente. Além disso, para essa aula foram trabalhadas questões interpretativas sobre o conto apresentado, de maneira que os

alunos pudessem entender aspectos gerais da leitura. Na discussão dessas questões houve aumento na participação dos alunos, cerca de 8 alunos participaram voluntariamente e o restante foi motivado a participar, de forma que era pedido para cada aluno responder oralmente a um dos pontos interpretativos trabalhados. Observamos que cerca de 3 alunos chegam atrasados, apenas para o segundo período, uma vez que nossas aulas sempre ocorrem no primeiro período do turno da turma. Procuramos questionar o porquê isso ocorre e tivemos a informação de que estes alunos trabalham e não conseguem chegar a tempo para o primeiro período.

Módulo II – 3º dia

18/06 – Quarta-feira (2h/aula)

1. Objetivo geral: Incentivar a capacidade leitora dos alunos para interpretação de textos narrativos.
2. Objetivo específico: Estimular o interesse dos alunos pela produção textual, explorando o gênero narrativo “conto”, como modelo, e utilizando os tipos de narradores para qualificar a escrita.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será trabalhado o conto “A orelha de Van Gogh” e através dele será apresentado aos alunos o foco narrativo “Eu como testemunha” com o intuito de que eles continuem conhecendo os vários tipos de narradores, afim de que haja produções escritas significativas dentro desse gênero.
4. Sensibilização: Organizar a turma de modo que possam interagir uns com os outros após a leitura do texto, com o intuito de que eles dividam suas percepções sobre o mesmo. Influenciar a leitura de modo que a mesma ajude na escrita.
5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula pediremos que os alunos façam a leitura do conto “A orelha de Van Gogh”. Em seguida faremos um breve comentário acerca da leitura e depois apresentaremos o foco narrativo “Eu como testemunha”. Por fim, será solicitado que os alunos façam produções textuais de um conto com tema livre, que serão analisadas posteriormente de maneira comparativa com textos que virão a ser produzidos ao longo das aulas.
6. Avaliação: Avaliaremos a habilidade de escrita dos alunos através da produção textual que será pedida.

Dando continuidade nas práticas docentes, nesse dia apresentamos a terceira categoria de foco narrativo, “Eu como testemunha”, exemplificado por meio do conto “A orelha de Van Gogh”, de Moacyr Scliar. Para este conto, em especial, os alunos se mostraram mais ativos, pois no momento da leitura em conjunto, posterior à silenciosa, houve uma espécie de competitividade entre a turma, cada aluno queria ler mais do que o outro. Dessa forma, acreditamos que a estratégia de duas leituras para um mesmo conto está dando certo. Quanto à compreensão da categoria de foco narrativo, foi realizada de forma significativa, os alunos se identificaram com esse foco, um aluno mencionou que é o tipo de narrador mais fácil de identificar, pois é a “pessoa” que testemunha os fatos e depois conta para alguém. Foi proposta, ainda para essa aula, a produção textual de um conto com tema livre, ou seja, o aluno era livre para escolher o enredo da estória. No primeiro momento houve certa resistência para a escrita, alguns alunos mencionaram que não se sentiam prontos ainda para a escrita, que queriam conhecer mais contos e depois partirem para a produção textual. Por isso, para acalmar a turma e motivar o desenvolvimento da escrita, explicamos que essa seria a primeira produção textual da turma, que posteriormente, quando tivermos apresentado todas as categorias de foco narrativo, teremos uma produção final em que todos estarão mais tranquilos e confiantes.

Módulo II – 4º dia

25/06 – Quarta-feira (1h/aula)

1. Objetivo geral: Incentivar o trabalho com o texto e realizar análise linguística do conteúdo gramatical, concordância nominal, utilizando o conto apresentado.
2. Objetivo específico: Estimular o interesse dos alunos pela produção textual, explorando o gênero narrativo “conto” e utilizando o foco narrativo “narrador-protagonista”. Compreender os diferentes focos apresentados até o momento.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será apresentado o conto “Zap”, de Moacyr Scliar e através dele será trabalhado o foco narrativo “Narrador-protagonista” com a intenção de que os alunos continuem conhecendo os vários tipos de narradores.
4. Sensibilização: A turma será organizada em um semicírculo para a leitura e discussão do texto. Após faremos uma breve conversa sobre o foco narrativo presente no conto e questões interpretativas. Além disso, será realizada a introdução do conteúdo

concordância nominal e solicitado que os alunos encontrem casos de concordância no conto lido.

5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula pediremos que os alunos façam a leitura do conto “Zap”. Em seguida faremos um breve comentário acerca da leitura e depois iremos apresentar-lhes o foco narrativo “Narrador-protagonista”. Por fim, será introduzido o conteúdo gramatical concordância nominal e realizada uma análise linguística por meio do conto trabalhado.

6. Avaliação: Avaliaremos a habilidade de interpretação e compreensão linguística dos alunos no decorrer das atividades, de modo geral.

Para essa aula, foi necessário apresentarmos o conteúdo gramatical, concordância nominal e verbal, solicitado pela professora regente. Dessa maneira fizemos uma análise linguística do conteúdo por meio do conto “Zap”, de Moacyr Scliar, além da apresentação da categoria “Narrador protagonista”. Observamos diminuição na participação dos alunos, principalmente para a análise linguística, mas quanto à compreensão do foco narrativo, acreditamos que tenha ocorrido de forma clara, mesmo porque se trata de uma categoria simples de identificar em narrativas, especialmente no conto trabalhado.

Módulo III – 5º dia

27/06 – Sexta-feira (2h/aula)

1. Objetivo geral: Motivar o trabalho com a leitura de texto narrativo.
2. Objetivo específico: Trabalhar questões interpretativas do texto e dar sequência com a análise linguística de concordância nominal.
3. Metodologia empregada: Apresentação do conto “Baleia”, de Graciliano Ramos e abordagem do foco narrativo “Onisciência seletiva múltipla”.
4. Sensibilização: Os alunos farão uma leitura coletiva do conto, posteriormente será realizada uma exposição do foco narrativo predominante no texto e por fim serão propostas análises linguísticas de concordância nominal.
5. Atividades a serem desenvolvidas: Leitura, interpretação, discussão do conto “Baleia” e análise linguística do mesmo.
6. Avaliação: A avaliação se dará de forma geral e enfocará na participação efetiva dos alunos nas atividades.

Nessa aula, começamos com a leitura do conto “Baleia”, de Graciliano Ramos e apresentação do foco narrativo “Onisciência seletiva múltipla”. Antes da leitura em conjunto, contextualizamos os alunos quanto ao texto, pois este é um capítulo da obra “Vidas Secas” e foi publicado como conto, por isso levamos essa releitura para a aula. A leitura em conjunto ocorreu de forma clara, os problemas de pontuação e acentuação não apareceram mais e a competitividade para a leitura aconteceu mais uma vez. Percebemos, dessa maneira, que os alunos estão evoluindo, todos querem participar, até mesmo os que não eram tão ativos.

Módulo III – 6º dia
02/07- Quarta-feira (1h/aula)

1. Objetivo geral: Retomar questões da aula anterior e fazer as correções das mesmas.
2. Objetivo específico: Aprofundar as questões interpretativas do conto apresentado na aula anterior e dos exercícios de concordância nominal. Incentivar os alunos a compreenderem o uso da concordância nominal no seu dia a dia.
3. Metodologia empregada: Nesta aula retomaremos a análise linguística da concordância nominal, pedindo aos alunos que identifiquem e façam a comparação dos elementos encontrados no texto com o seu uso diário.
4. Sensibilização: Organizaremos os alunos em círculo e faremos uma pequena recapitulação da aula anterior com o intuito de aproximá-los e que cada um exponha a maneira com que utiliza a concordância nominal no seu dia a dia.
5. Atividades a serem desenvolvidas: Primeiramente retomaremos o conto “Baleia”, trabalhado na aula anterior, com o intuito de que haja um diálogo e comparação da análise linguística feita no conto, sobre concordância nominal, e sua aplicação no uso diário. Por último faremos a correção das questões interpretativas e da análise linguística proposta.
6. Avaliação: Avaliaremos a habilidade de interpretação e compreensão linguística dos alunos no decorrer das atividades.

Para esta aula, foi preciso nos determos nas correções em conjunto de questões da aula anterior, bem como questões interpretativas e de análise linguística. A maioria dos alunos estava com as atividades realizadas no caderno, apenas alguns não haviam

terminado as questões sobre o texto e sobre concordância nominal. Algumas questões sobre o conteúdo gramatical foram sanadas, muitas dúvidas e questionamentos surgiram, os alunos aparentam-se preocupados com essas questões, pois haverá, posteriormente, uma avaliação escrita em que se baseará nos focos narrativos e em concordância nominal e concordância verbal.

Módulo III – 7º dia

09/07 – Quarta-feira (2h/aula)

1º período:

1. Objetivo geral: Incentivar o trabalho de leitura e interpretação com o conto proposto. Trabalhar com o foco narrativo “Onisciência seletiva” por meio do conto lido.
2. Objetivo específico: Estimular a prática leitora e compreender o foco narrativo apresentado.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será apresentado o conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector e por meio deste será abordado e trabalhado o foco narrativo “Onisciência seletiva”, sexta categoria, dando continuidade aos tipos de narradores trabalhados até o momento.
4. Sensibilização: Os alunos serão dispostos em um semicírculo para primeiramente realizarem uma leitura silenciosa e posteriormente uma leitura em conjunto, na qual cada aluno terá a oportunidade de ler um parágrafo do conto apresentado. Trabalhar com essa organização permite que os alunos sintam-se seguros e dessa forma desenvolvam melhor a leitura em conjunto.
5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula será realizada a leitura silenciosa do conto “Felicidade Clandestina” e após, será proposta a leitura em conjunto, uma vez que os alunos estarão familiarizados com a leitura inicial e se sentirão à vontade para a segunda leitura. Em seguida, serão discutidas questões sobre o conto, especificamente sobre o enredo e qual personagem narra a estória. Para finalizar, será apresentado o foco narrativo “Onisciência seletiva”, enfatizado no conto lido.
6. Avaliação: Será avaliada a habilidade leitora e a participação dos alunos quanto às questões esplanadas em sala de aula, bem como o foco narrativo presente no conto trabalhado.

Neste dia de prática docente aplicamos 2h/a, porém em horários separados, a primeira, no primeiro período e a segunda no terceiro período, por isso tivemos a necessidade de preparar dois planos. No primeiro período foi trabalhado o conto “Felicidade clandestina”, o qual duas alunas conheciam por se identificarem e lerem textos da autora “Clarice Lispector”. Após a leitura, apresentamos o foco narrativo “Onisciência seletiva”, fazendo comparações de característica deste foco com trechos importantes do conto abordado. Os alunos obtiveram bom entendimento deste tipo de narrador, em especial as duas alunas que conheciam o conto, pois se mostraram mais participativas que os demais alunos.

3º período:

1. Objetivo geral: Incentivar o trabalho de leitura e interpretação com o conto proposto.
2. Objetivo específico: Motivar a prática leitora e compreender o foco narrativo apresentado. Trabalhar com o foco narrativo “Modo dramático” por meio do conto trabalhado e estimular a prática da escrita com produção textual.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será apresentado o conto “Fazendo a barba”, de Luiz Vilela e por meio deste será abordado e trabalhado o foco narrativo “Modo dramático”, sétima categoria, dando continuidade aos tipos de narradores apresentados até então.
4. Sensibilização: Os alunos serão dispostos em duplas para primeiramente realizarem uma leitura silenciosa e posteriormente uma leitura em conjunto, como os alunos estão acostumados a fazerem.
5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula será realizada a leitura silenciosa do conto “Fazendo a barba” e após, será proposta a leitura em conjunto, uma vez que os alunos terão conhecido o conto com a leitura inicial e se sentirão à vontade para a leitura em grupo. Em seguida, serão discutidas questões sobre o conto, especificamente sobre o enredo e o discurso direto que predomina no texto, característica do foco narrativo em questão, “Modo dramático”. Para finalizar, será proposta uma atividade escrita que modifique o foco narrativo, ou seja, como o conto

está classificado em “Modo Dramático”, cada dupla deverá escolher outro foco para reescrevê-lo, de maneira que não permaneça em discurso direto.

6. Avaliação: Será avaliada a habilidade leitora e a produção escrita dos alunos.

No terceiro período foi trabalhado o conto “Fazendo a barba”, de “Luiz Vilela” e apresentada a penúltima categoria de foco narrativo, “Modo dramático”. A leitura em conjunto ocorreu de forma tranquila, os alunos estão se acostumando a fazerem esse tipo de leitura e a melhora no decorrer da mesma está ocorrendo de forma significativa. Foi proposta uma reescrita do conto original apresentado e lido, de forma que houvesse uma mudança no foco narrativo do mesmo, ou seja, no texto “Fazendo a barba” há o discurso direto predominado no conto, característica do foco “Modo dramático”, a proposta é de fazer uma mudança nesse foco e reescrever em discurso direto, sem perder a essência e enredo do conto original. Porém, essa proposta não obteve sucesso, os alunos justificaram que o tempo era curto para a produção e apenas uma produção textual, de duas alunas que fizeram juntas, foi entregue.

Módulo IV – 8º dia

14/07 – Segunda-feira (2h/aula)

1. Objetivo geral: Incentivar o trabalho de leitura e interpretação com o conto “Primeiro beijo”, de Clarice Lispector e realizar uma atividade com fotografia.
2. Objetivo específico: Estimular a prática leitora e compreender a última categoria de foco narrativo, denominada “Câmera”. Identificar a principal característica deste foco e fazer relações desta característica com o texto apresentado. Realizar uma atividade de fotografia nos arredores da escola, de modo que cada aluno fotografe uma situação que esteja ocorrendo no momento.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será apresentado o conto “Primeiro beijo”, de Clarice Lispector e por meio deste será abordado e trabalhado o foco narrativo “Câmera”, última categoria, concluindo os tipos de narradores existentes. Após, será feita uma atividade com fotografia, essa proposta tem o intuito de fazer com que a turma observe que pode haver vários pontos de vista para uma única situação. Para tanto, será sugerida a produção de uma narrativa referente às fotografias que foram registradas, com a finalidade dos alunos exporem suas percepções e pontos de vista dentro da estória

narrada, perceberem que é possível aparecer vários pontos de vista em tal narrativa e que esta pode ser contada de inúmeras formas.

4. Sensibilização: Os alunos serão dispostos em um círculo com a finalidade de gerar uma discussão da turma, acerca de suas experiências sobre o primeiro beijo. Após essa didática os alunos estarão mais desinibidos para a participação em aula. Por fim, os alunos serão retirados de sala de aula para fotografarem uma situação nos arredores da escola.

5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula será realizada a leitura silenciosa do conto “Primeiro beijo” e após, será proposta a leitura em conjunto. Em seguida, serão discutidas questões sobre o conto, especificamente sobre o fato inusitado que ocorre no enredo da narrativa trabalhada. Ainda, será apresentado o foco narrativo “Câmera”, enfatizado no conto lido e concluindo os tipos de narradores. Por fim, será proposta a atividade com fotografia e uma produção escrita.

6. Avaliação: Será avaliada a habilidade leitora e a participação dos alunos nas atividades.

Nesta aula, foi apresentada a última categoria de foco narrativo, denominada “Câmera”, após a leitura do conto “Primeiro beijo”, o qual se classifica dentro desta categoria. Os alunos ficaram muito interessados por este foco narrativo, o mesmo foi comparado com os “flashbacks”, comuns em filmes e novelas. A maioria da turma apresentou certa dificuldade de identificar este foco narrativo no conto, porém, as dúvidas foram sanadas e todos puderam observar como o foco “Câmera” aparece no conto trabalhado. Neste mesmo dia, foi realizada a atividade de fotografia que já tinha sido comunicada para os alunos em aulas anteriores, de forma que alguns levaram câmeras digitais e outros utilizaram as câmeras dos celulares. As situações fotografadas focarem-se no espaço escolar, estivemos pelos corredores da escola, sala de professores, direção, supervisão e refeitório. Os momentos fotografados foram os mais variados possíveis, alguns alunos preferiram registrar pessoas em situações de comunicação, descanso e distração, outros optaram por fotografar objetos, plantas e flores que estavam dispostas pelos corredores da escola. As produções escritas foram realizadas em duplas e uma, em especial, se destacou das demais, pois as alunas escreveram uma narrativa muito interessante sobre o registro, que era a fotografia de uma flor.

Módulo IV– 9º dia
16/07 – Quarta-feira (2h/aula)

Neste dia, para o primeiro período, será aplicada uma avaliação escrita sobre os focos narrativos trabalhados em aula e os conteúdos gramaticais concordância nominal e concordância verbal, conforme solicitado pela professora regente.

2º período:

1. Objetivo geral: Incentivar o trabalho com vídeo em sala de aula.
2. Objetivo específico: Estimular a compreensão sobre questões de adaptação de conto para curta metragem.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será apresentado o curta metragem “Felicidade clandestina”, produzido por alunos da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), adaptação do conto original de mesmo título da autora Clarice Lispector, com o objetivo de que os alunos identifiquem a mudança do foco narrativo da escrita para o foco narrativo do vídeo adaptado.
4. Sensibilização: Os alunos serão levados para o auditório da escola, onde o vídeo será apresentado, isso gerará uma curiosidade e expectativa da turma para uma aula que sairá da rotina de sala de aula.
5. Atividades a serem desenvolvidas: No primeiro momento da aula será apresentado um vídeo adaptado de um conto trabalhado anteriormente, com os alunos, em sala de aula. Após será discutida as relações do vídeo com o conto original e os focos narrativos presentes em ambos.
6. Avaliação: Será avaliada a participação dos alunos na atividade extraclasse e como eles se comportaram durante a atividade proposta.

Para o penúltimo dia de prática docente, do estágio obrigatório, foi aplicada uma avaliação escrita sobre as questões trabalhadas até o momento, ou seja, as oito categorias de foco narrativo e o conteúdo gramatical concordância nominal e concordância verbal. No segundo período, após a conclusão da avaliação, os alunos foram levados para o auditório, onde apresentamos o curta metragem “Felicidade clandestina”, adaptação do conto de Clarice Lispector. Este vídeo foi apresentado com o

intuito de os alunos identificarem o foco narrativo do conto original para o curta metragem adaptado e a modificação do foco nas duas produções. Além disso, foram discutidos pontos que mudaram do conto original para o curta, como características das personagens e mudança de contexto, ou seja, para os dias atuais. Os alunos ficaram muito interessados com o curta metragem, pois este foi gravado, coincidentemente, no espaço da escola que frequentam e por antigos alunos da mesma, os quais alguns meninos da turma conhecem. Por fim, questionamos os alunos sobre suas preferências quanto ao vídeo ou conto e, surpreendentemente, a maioria optou pelo conto escrito com a justificativa de que o mesmo apresenta mais detalhes da estória, o que prende à leitura.

Módulo IV– 10º dia
18/07 – Sexta-feira (2h/aula)

1. Objetivo geral: Incentivar a reescrita por meio de considerações feitas na primeira escrita.
2. Objetivo específico: Estimular a prática de reescrita e utilizar de maneira adequada os focos narrativos apresentados no decorrer das aulas para esta atividade.
3. Metodologia empregada: Nesta aula será proposta a reescrita do conto produzido, anteriormente, pelos alunos, de forma que atendam as observações feitas na escrita inicial.
4. Sensibilização: Os alunos serão dispostos individualmente para receberem os contos produzidos na escrita inicial, com algumas observações, de forma que haja uma melhoria na reescrita e que sejam capazes de utilizarem focos narrativos distintos da produção inicial para a produção final.
5. Atividades a serem desenvolvidas: Será proposta a reescrita do conto que os alunos produziram no decorrer das aulas.
6. Avaliação: Será avaliada a compreensão e utilização dos focos narrativos estudados.

Para o último dia de prática docente, foi solicitado que a turma realizasse a reescrita do conto produzido anteriormente pelos alunos. Para que isso ocorresse de forma relevante, foram feitas algumas considerações nas primeiras produções escritas dos alunos, com o intuito de que estes ficassem orientados e mais confiantes para a reescrita. Além das observações escritas nos trabalhos, os alunos foram atendidos

individualmente conforme as necessidades e dúvidas apresentadas durante a proposta de reescrita. Apenas um aluno não entregou a atividade nesse dia, mas se responsabilizou em deixar seu conto na escola no dia seguinte.

3. ANÁLISES

As análises serão feitas por meio de 3 (três) produções textuais escolhidas entre os alunos, das quais será pesquisado que tipo de foco narrativo aparece nos contos escritos e se há predominância de algum foco específico nas produções. Inicialmente, exploraremos a primeira produção escrita dos alunos selecionados para a pesquisa e posteriormente será analisada a produção final dos mesmos alunos, com o intuito de identificar o que mudou da primeira para a segunda produção textual de contos. Até o momento da primeira produção escrita, foram trabalhados três categorias de foco narrativo, “Autor onisciente intruso”, “Narrador onisciente neutro” e “Eu como testemunha”.

18/06/14

Vida de viajantes

Em uma noite fria, num sábado de março, estávamos perdidos em São Paulo, com todas as ideias possíveis que nos dá a imaginação. Eu e minha namorada, jovens do interior onde tinham ido visitar a maior cidade do Brasil tentando se "achar" em um lugar rodado de concreto. Bastou pedir informações a um taxista, mas... Ambos não tinham dinheiro para poder pagar o táxi, pelo fato de serem assaltados a uma meia hora atrás... O desespero tomou conta, mas a aderência e o espírito jovem falaram mais alto, então, com criatividade conseguimos um abrigo, (uma casa de uma senhora que na qual, vivia sozinha). Como diz um ditado popular, "quem tem boca, vai à Roma". Este, serviu de auxílio para perguntarmos a uma vizinha que ~~se~~ encontrava-se em seu pátio betando e lizo para fora. Eis a pergunta:

- Senhora, sabe nos informa onde tem um abrigo gratuito para passarmos à noite? A Senhora respondeu:

- Sim meus filhos, aqui, na minha casa! Os jovens agradecidos e confortados com a resposta da velhinha não pensaram duas vezes, e entraram para casa

acompanhado da mulher de coração de
 ouro. No dia seguinte ligando a seu pai
 e contando sobre o ocorrido, foram ao
 banco, para pegar o dinheiro que os
 mesmos tinham depositado, e assim, re-
 quis sua aventura viajante.

Nome: João

Turma: 331

Nº: :

Escola: Silveira Martins

Podemos observar no primeiro conto analisado que o aluno com o pseudônimo “João” utiliza mais de um foco narrativo. Este começa a narrativa com o foco “Narrador protagonista”, que não foi apresentado até o momento da produção escrita, mas que é um narrador muito comum, uma personagem da estória que narra os fatos e

acontecimentos. Porém, há uma mudança brusca de foco narrativo, pois quando o aluno escreve: *“Ambos não tinham dinheiro para poder pegar um táxi, pelo fato de serem assaltados a uma meia hora atrás...”* o narrador não é mais “protagonista”, passa de primeira pessoa para terceira pessoa e dessa forma podemos dizer que o foco muda para um “Narrador onisciente neutro”. Após esse fragmento do conto, o aluno com pseudônimo João retorna a narrativa com o foco “Narrador protagonista”, como podemos observar no seguinte trecho: *“O desespero tomou conta, mas a adrenalina e o espírito jovem falou mais alto, então, com criatividade conseguimos um abrigo, (uma casa de uma senhora que na qual vivia sozinha)”*. Ainda, posteriormente, o mesmo aluno, mistura estes dois focos narrativos mencionados até o momento com o “Modo dramático”, que também não foi trabalhado até o momento da escrita, mas que é muito corriqueiro em narrativas, como podemos ver no trecho: *“- Senhora, sabe nos informar onde tem um abrigo gratuito para passarmos a noite? A senhora respondeu: - Sim meus filhos, aqui, na minha casa!”* Para finalizar, este aluno dá o desfecho a seu conto, utilizando mais uma vez o foco “Narrador onisciente neutro”, que fica bem evidente no seguinte fragmento: *“Os jovens agradecidos e confortados com a resposta da velhinha não pensaram duas vezes, e entraram para casa acompanhados da senhora do coração de ouro...”*

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

18/06/14

Nome: Pedro

Turma: 331

Marco do Vido.

Era mais um sábado comum, me levantei, arrumei a casa, peguei o pendurisco e me vou para o orle; e depois ir para o roda de samba.

Chegando no orle, cumprimentei todo mundo e depois vou falar com o pessoal. Nesse mesmo dia eu deixei de fazer isto porque quando eu fui falar com o pessoal do orle vi num canto, sentado, um senhor chorando. Nesse exato momento aproximei-me e lhe perguntei:

- Por que chora, vô?

Ele me olhou, chorando e disse-me:

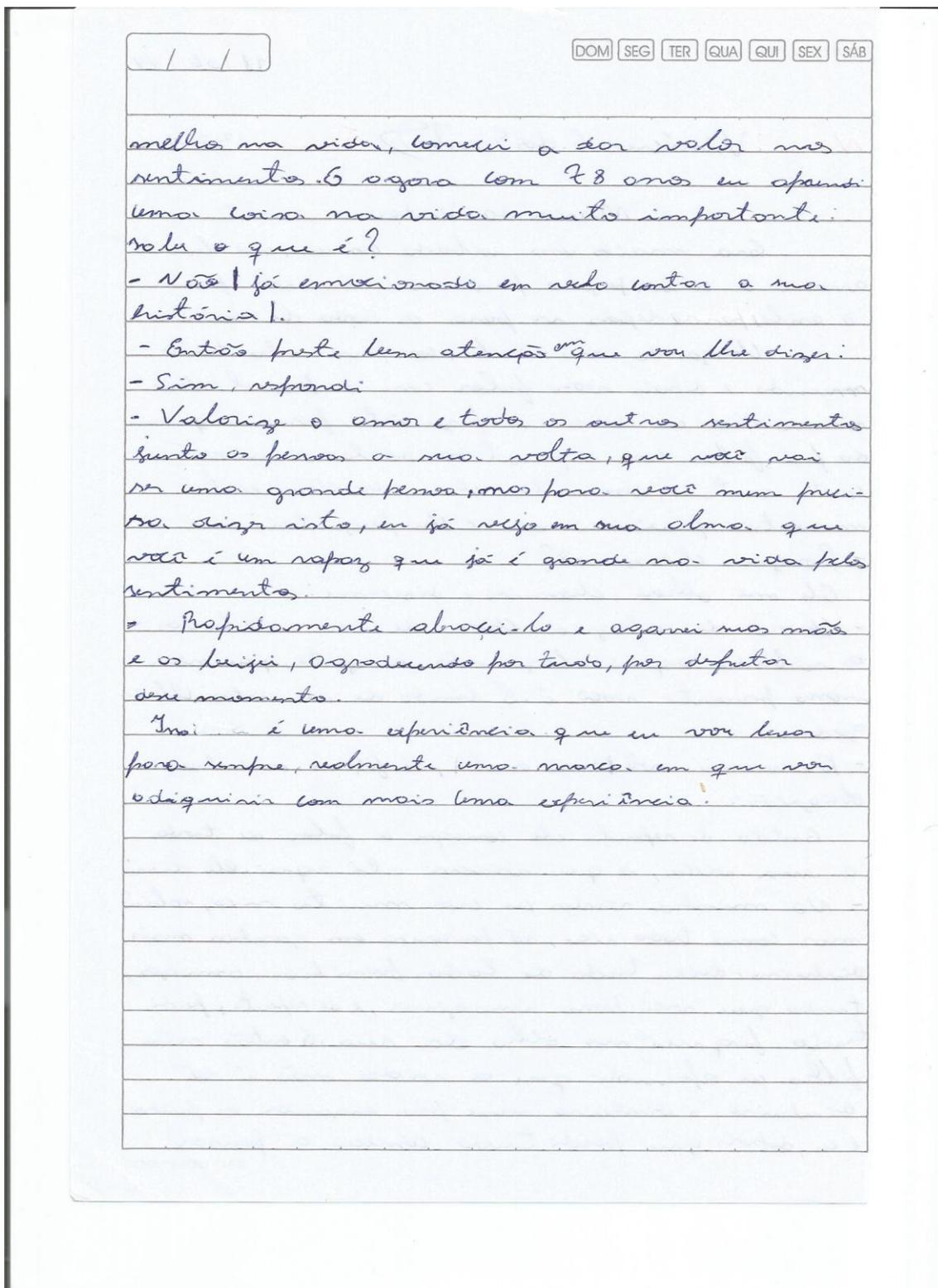
- Choro de alegria. Choro de ver você todos os sábados aqui alegrando a gente, que nem meu parente você é. É lindo de ver isto. Obrigade.

- De nada, vô (diz a ele), só faço a minha obrigação:

Então, de repente ele começou a falar de toda a sua vida, e que vivera ali aqui, ele disse:

- Na minha vida eu era muito rico, sabia mas como todo rico, só pensava em ganhar mais dinheiro, deixei tudo de lado, família, amigos, tudo que você possa imaginar, e de repente, perdi tudo, fiquei no olho da rua. Então meu filho me aprendeu que a vida não é só dinheiro, o dinheiro serve pra expor os pesos, e eu, depois que perdi tudo comecei a pensar.

SÃO DOMINGOS



No segundo conto analisado percebemos dois pontos de vista distintos, o primeiro do jovem e o segundo do senhor, de forma que podemos identificar as percepções de um e do outro ao mesmo tempo. Observamos que nesse conto, o aluno

com pseudônimo “Pedro”, mescla entre os focos narrativos “Narrador protagonista” e “Modo dramático”. Observamos que bem no início do conto de “Pedro” aparece um “Narrador protagonista”, quando o mesmo escreve: *“Era mais um sábado comum, me levanto, arrumo a casa, pego o pandeiro e me vou para o asilo (...). Chegando no asilo, cumprimento todo mundo e depois vou falar com o pessoal.”* No terceiro parágrafo, o foco narrativo se modifica, de “Narrador protagonista” para “Modo dramático”, pois o conto apresenta muitas ocorrências de discurso direto, ou seja, a narrativa enfoca-se nas falas das personagens, como podemos observar até o penúltimo parágrafo do conto do analisado. Para finalizar, o aluno retoma no último parágrafo o foco narrativo “Narrador protagonista”, como podemos ver no seguinte excerto: *“Isso é uma experiência que eu vou levar para sempre, realmente uma marca em que vou adquirir com mais uma experiência.”*

Ilusão

Procurando encontrar uma direção em um mundo de ilusões,
 olho nos olhos, "Meu Deus onde é que eu estou" me pergunto
 amustado sem saber de nada, uma dor, uma renega.

sem ninguém na minha cara não foi rua e não vejo
 ninguém, cara tão azuis, fies, ruca deitado, não sabia que
 lugar era aquele, dentro da noite passada, sem como em
 flash-back, fotos, visões, belidas, mulheres, dragos e de nada uma
 mulher mais velha parecia later boca, tudo girava pra baixo
 eu olhava mais uma vez, eu comitava.

Uma cama eu procurava, só queria encostar a cabeça e dormir um
 pouco olhei para a escada mais uma vez Tudo girava, penso
 aqui em baixo é melhor, mais perto do Baileiro eu ficava.

se atirei no sofá 5 minutos passava, de lá ficava, inquieto
 não foi rua a névoa já não se encobria coisa eu
 ouvia e a rua mais colorida eu ficava.

relógio eu não tinha nem noção de horas não passava, quanto
 tempo havia passado, em um campo se sentava, Tudo nos olhos
 cigares eu achava fumaca mas eu em mais uma viagem
 eu me encontrava, volte pra casa de avião uma lembrança no
 corpo eu estava, rubia no quarto o sol batia a janela eu
 abria, na cama eu deitava. Com os olhos no ouvido os
 olhos fechados na minha cabeça como filme passava.

Um Toque suave me tocava, a voz mais linda se chamava
 "Bom dia" eu sorria, olho os olhos e mais uma vez o dia
 reconhevia.

Nome: **Francisco**

Turma: 333

O terceiro texto analisado, do aluno com pseudônimo "Francisco" é bem confuso tanto para ao gênero discursivo Conto quanto ao foco narrativo. Percebemos alguns indícios de "Narrador protagonista", assim como nos contos anteriormente analisados, que podemos ressaltar no início da narrativa: "Procurando encontrar uma

direção em um mundo de ilusões, abro meus olhos, “meu Deus onde é que eu estou” me pergunto assustado sem saber de nada, uma dor, uma ressaca.” Porém, há sinais também do foco “Câmera” no conto de “Francisco”, pois o mesmo não aborda de forma minuciosa a indicação de local, o que deixa o leitor confuso, sem identificar se a estória se trata de um pensamento ou se estava sendo vivenciada naquele momento. Dessa maneira, não fica evidente qual foco narrativo predomina na produção textual desse aluno, de forma que daremos maior atenção para a produção final, a fim de que haja compreensão significativa de todos os alunos para as questões do foco narrativo.

3.1 Observações realizadas nas produções iniciais dos alunos

Para a reescrita, foram feitas algumas observações nos contos dos alunos, com o intuito de motivá-los e ajudá-los na reescrita. É importante lembrarmos que na primeira escrita os alunos conheciam apenas três focos narrativos, que haviam sido apresentados em aula, e que na reescrita a turma tinha conhecimento e havia trabalhado com as oito categorias de focos narrativos. Em seguida, podemos observar as considerações feitas nos contos apresentados anteriormente, que serviram de apoio para a reescrita dos alunos. Além disso, os estudantes foram atendidos individualmente para sanar dúvidas sobre as produções escritas individuais.

acompanhado da mulher de criação de
 sua. No dia seguinte ligando a seu pai
 e contando sobre o ocorrido, foram ao
 banco, para pegar o dinheiro que os
 mesmos tinham depositado, e assim, li-
 quis sua aventura viajante.

Nome: João

Turma: 331

Nº: 27

Escola: Silveira Martins

Muito interessante teu conto. A estória é
 narrada de forma clara e não confunde o
 leitor. Estás utilizando mais de um tipo
 de narrador no conto, que tal escolheres
 um único foco narrativo, dos que trabalhamos
 em aula, para a reescrita?

Texto do aluno com pseudônimo "João" com algumas considerações para a reescrita.

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

melhor na vida, comeci a dar valor nos sentimentos. E agora com 28 anos eu aprecio uma coisa na vida muito importante: valor o que é?

- Não! Já emocionado em tudo contar a minha história!

- Então presta bem atenção em que vou lhe dizer:

- Sim, respondi

- Valorize o amor e todos os outros sentimentos junto as pessoas a sua volta, que você vai ser uma grande pessoa, mas para você não precisa dizer isto, eu já vejo em sua alma que você é um rapaz que já é grande na vida pelos sentimentos.

• Precisamente abraço-lo e agarrei nos braços e os beijei, o que aconteceu por tudo, por defutur desse momento.

Três é uma experiência que eu vou levar por sempre, realmente uma marca em que não se dignifica com mais uma experiência.

Muito bom o teu conto, mas estás utilizando muito discurso direto, característica do "Modo dramático", porém este foco narrativo não predomina em toda a estória. Vamos rever os focos narrativos que trabalhamos em aula para a reescrita?

Texto do aluno com pseudônimo "Pedro" com algumas observações para a reescrita.

Ilusão

Procurando encontrar uma direção em um mundo de ilusões,
 olho nos olhos, "Meu Deus onde é que eu estou" me pergunto
 amutado sem saber de nada, uma dor, uma renega.

Nem ninguém na minha casa não pra rua e não vejo
 ninguém, casas tão vazias, frias, ruído de latas, não sabia que
 lugar era aquele, lembro da noite passada, vem como um
 flashback, fotos, vídeos, lembranças, mulheres, drogas e de nada uma
 mulher mais velha parecia estar viva, tudo girava pra baixo
 eu olhava mais uma vez eu revisava.

Uma cama eu procurava, não queria encostar a cabeça e dormir um
 pouco olhei para a escada mais uma vez Tudo girava, penso
 aqui em baixo é melhor, mais perto do banheiro eu ficava.

me atirei no sofá 5 minutos passou, de lá ficava, inquieto
 não pra rua a névoa já não se encobria mais eu
 olhava e a rua mais colorida eu ficava.

relógio eu não tinha nem noção de horas não passava, quanto
 tempo havia passado, em um canto se sentava, Toco nos bolsos
 cigarros eu achava fumaca pra eu em mais uma viagem
 eu me encostava, volto pra casa de avó uma lembrança no
 corpo eu estava, rubia no quarto o sol batia a janela eu
 olhava, na cama eu dormia. Com os olhos no quarto os
 olhos fechados na minha cabeça como filme passava.

Um Toque suave me tocava, a voz mais linda me chamava
 "Bom dia" eu acordava, olho os olhos e mais uma vez o dia
 recomeçava.

Nome: Francisco

Tubmp: 333

Seu conto é interessante, mas con-
 funde um pouco o leitor. Que
 tal rever os fatos narrativos apresenta-
 dos em aula e escolher um para
 a reescrita?

tilibra

Texto do aluno com pseudônimo "Francisco" com algumas anotações para a reescrita.

3.2 Análises das reescritas

Serão abordadas e analisadas, nessa seção, as reescritas dos mesmos alunos cujas primeiras produções escritas foram analisadas anteriormente. Observaremos se houve mudança dos focos narrativos encontrados nas primeiras produções para as reescritas, e se estes alunos alcançaram os objetivos esperados, ou seja, se compreenderam as questões do “foco narrativo” e se souberam utilizar os tipos de narradores apresentados e trabalhados em aula. Começaremos, como na seção anterior, com o aluno de pseudônimo “João”:

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

/ /

Vida de viajantes

Tudo mudou e ficou mais divertido quando um casal de jovens do interior, perderam-se em uma cidade gigantesca. Os mesmos ficaram embaralhados pela falta de estarem sem dinheiro, ali para pagar um táxi.

Eles estavam apavorados mentalmente, mas visivelmente tranquilos, aliás, estavam no meio de uma aventura. O tempo passou e assim, conseguiram um abrigo, uma casa de uma senhora, onde o casal passou a noite. A viagem estava sendo ruim, pois foram surpreendidos ao se perderem e serem recebidos, por terem que dormir na casa de uma velhinha teimosa e de um coração gigante. Quando o dia clareou conseguiram comunicar-se com seus pais, contarem o que tinha acontecido e pegaram um dinheiro para aproveitar seu passeio da história.

Nome: João

Turma: 331

Nº = 27

SÃO DOMINGOS

Na reescrita de “João” fica evidente a predominância de um único foco narrativo, o “Narrador onisciente neutro”, como percebemos nos trechos encontrados no primeiro e segundo parágrafo: “Tudo mudou e ficou mais divertido quando um casal de

jovens do interior, perderam-se em uma cidade gigantesca.” (...) “Eles estavam apavorados mentalmente, mas visivelmente tranquilos, aliás, estavam no meio de uma aventura.” Este aluno não mistura primeira pessoa com terceira pessoa e conseqüentemente não apresenta na reescrita do conto mais de um foco narrativo, como percebemos na primeira escrita do mesmo. Dessa forma, observamos progresso de “João” em sua reescrita, pois este narra a estória com apenas um foco narrativo sem perder o enredo da primeira escrita.



16 07 11

Nome: Pedro

Sumário: 331

Marta da Vido.

Parecia mais um robô de cinema, mas não era. Era um robô de muito especial para mim, a tão sonhado lançamento do meu livro.

Pensei mesmo chegando e chegando e meu livro e vintém para mim autógrafo. Me maravilhando pelo lançamento do livro e por eu ser o mais jovem escritor da cidade. A casa de autógrafo dos me perguntaram sobre o que significava cada coisa do livro, as fotos, os poemas, as figuras, etc. Até então que uma menina de cabelos negros e olhos castanhos me perguntou do tal foto que estava no livro, era a foto de sua mãe, um senhor de óculos que não todos os robôs fazem caricatura. Rapidamente levantei-me e disse o da foto que da foto.

- Porque chorou você?

Ele me olhou chorando e disse-me:

- Chore de alegria. Chore de ver você toda o robô de aqui no lançamento, que nem mesmo parente você é: É lindo de ver isto: Obrigada.

- De modo. você (diz-me a ele), só faça a minha obrigação.

- Sou filha, na minha vida eu não sou muito rica, sabia? Mas como toda vida, só pensava

----- credeal



em quando mais dinheiro, deixei tudo de lado, família, amigos, tudo que você pode imaginar, e de repente, perdi tudo, fiquei no olho da rua. E então eu aprendi que a vida não é só dinheiro, o dinheiro compra os pesos e eu, depois que perdi tudo comecei a pensar melhor na vida, comecei a dar valor nos sentimentos. E agora com 80 anos eu aprendi uma coisa na vida.

- Valorize todos os sentimentos e os pesos a sua volta, nunca deixe ninguém no chão, nem um inimigo seu, uma das leis da vida é: "Tudo que vai, volta em dobro", faça coisas boas e faça os outros bem, nunca espere algo. Meu filho disse que se um dia aprendi algo foi a experiência de errar e aprender.

Depois dessa história os pessoas olharam-me emocionados e me aplaudiram pela linda história que escrevi e contei a eles sobre esta pessoa em que pude a honra de escrever e conviver em Paz e feliz.

credeal

Na reescrita do aluno com pseudônimo "Pedro", o mesmo aborda mais de um foco narrativo no conto, porém os utiliza de forma criativa. Como podemos observar, no primeiro parágrafo há indícios de um "Narrador protagonista": "Parecia mais um

sábado comum, mas não era. Era um sábado muito especial para mim, o tão sonhado lançamento do meu livro.” Este foco, “Narrador protagonista”, predomina no conto de “Pedro” até o segundo parágrafo, onde ocorre uma mudança para o foco narrativo “Câmera”, quando o narrador faz um “flashback” para contar como tudo aconteceu e o que o inspirou para o lançamento de seu livro. Percebemos o foco “Câmera” entre o terceiro e o penúltimo parágrafo, quando o narrador aborda lembranças do passado e de um grande amigo. Porém, o foco “Câmera” aparece acompanhado do foco “Modo dramático”, pois “Pedro” apresenta seu “flashback” por meio de falas, de discurso direto. Apesar de haver essa mistura de focos narrativos, o aluno construiu seu conto e utilizou os tipos de narradores trabalhados em aula de forma dinâmica. Além disso, enriqueceu a reescrita, pois abordou os acontecimentos do enredo da primeira escrita e acrescentou novos fatos, ou seja, o lançamento de um livro inspirado no senhor do asilo.

Naquele dia.

Alexis ~~era~~ em um dia cinza, olhando meus olhos, penso no que fazer, ~~me~~ longe e vazio, desejo para comer algo, estranho não sinto fome naquele dia.

Mais pra sua, nunca vi ela tão vazia, desejo e tudo chega no posto com uma caixa de cigarros, como pra parada entro no ônibus, penso que eu quase nunca vi, alguns conversaram outros entraram perto do meu lado, Bom dia uma senhora muito bem vestida me falou com a voz suave, calma. Bom dia responde com a voz baixa e séria. Ela me olha e eu desvio o olhar ela talvez percebeu que eu estava encolado, olho para a janela para a cabeça no ombro e fico olhando e pensando, meu corpo estava ali mas meu foco era no momento que ali nem parecia se fugia.

A senhora que por sinal era muito bonita e elegante me transmitia uma calma uma sensação de paz que há dias eu não sentia, Bom a senhora insistia em me chamar e fazer assunto, de longe eu ouvia a voz dela o ônibus para ela se despede e no mesmo momento eu despido, Tchau, tchau com Bom dia ela sorriu e saiu, fiquei observando ela pela janela, parecia que pensei da minha parada, mal sabia onde eu estava.

Atravessa a rua espera por horas o outro ônibus retornar, entro e ansiosamente espero até chegar para descer e pra casa ir, chega na parada, e sigo de volta pra minha casa.

Nome: **Francisco**

Turma: 335

Número: 20

tilibra

Na reescrita do terceiro e último aluno, cujo pseudônimo escolhemos por “Francisco”, houve um grande progresso comparando com a primeira escrita. “Francisco” utiliza apenas um foco narrativo, que identificamos por “Onisciência

seletiva”, na qual são apresentadas apenas as percepções da personagem principal. Este foco narrativo predomina por todo o conto analisado, não há indicação de outro foco na reescrita de “Francisco”. Fica bem evidente a “Onisciência seletiva” no segundo parágrafo: *“Saio pra rua, nunca vi ela tão vazia, desço e subo chego no posto compro uma caixa de cigarro, corro pra parada entro no ônibus, pessoas que eu nunca vi, alguns conversam outros sentam do meu lado (...)”* Ainda, “Francisco” modifica o título de seu conto, de maneira que este se adéqua ao enredo da narrativa. Percebemos também algumas alterações da primeira escrita para a reescrita, alguns fatos se modificam e personagens aparecem, ou seja, as pessoas do ônibus. Contudo, consideramos que houve um avanço significativo na reescrita de “Francisco”, este efetuou bom emprego no uso dos focos narrativos trabalhados em aula, de forma que escolheu um único foco que predominou no decorrer de sua narrativa.

3.3 Olhar sobre o desempenho das reescritas analisadas

Ao longo das práticas docentes do estágio obrigatório realizado juntamente com nossa pesquisa de campo, percebemos uma evolução significativa nos estudantes envolvidos nesse trabalho. Além de as aulas terem sido produtivas, nas quais se foi construindo os conceitos do mote proposto, “Foco narrativo”, notou-se que os alunos obtiveram uma evolução maior de aprendizado no momento da última atividade desenvolvida, ou seja, na reescrita do conto produzido anteriormente. Outro evento que contribuiu para essa evolução foi a atividade com fotografias, mencionada na seção “sequência didática”, que abriu novos olhares dos alunos para a questão do foco narrativo, uma vez que os mesmos desenvolveram narrativas através de seus pontos de vista sobre as imagens das fotografias escolhidas.

Quanto às observações realizadas sob cada produção escrita, das quais mostramos acima, estas foram importantes para orientar os alunos para a reescrita, de maneira que os mesmos se encontraram mais seguros no momento da produção escrita final. Dessa forma, supomos que essas observações surtiram efeitos positivos na reescrita da maioria dos alunos, bem como nas reescritas analisadas dos três estudantes elegidos para a pesquisa em questão. Desses alunos escolhidos, percebemos maior crescimento de aprendizagem no segundo e terceiro aluno, cujos pseudônimos são “Pedro” e “Francisco”, uma vez que estes efetuaram o emprego relevante dos focos

narrativos apresentados e trabalhados em aula. Ainda, estes alunos além de utilizarem os focos narrativos de maneira criativa, enriqueceram a narrativa com novos acontecimentos e situações, sem perder o conteúdo original do primeiro conto escrito.

Ao observarmos a escrita do primeiro aluno, cujo pseudônimo é “João”, percebemos certo conhecimento prévio desse aluno referente aos focos narrativos, pois o mesmo apresentou mais de um tipo de narrador na sua primeira escrita. Porém, esse conhecimento precedente não foi utilizado de maneira satisfatória, pois ao analisarmos a primeira produção escrita deste aluno, concluímos que o mesmo ora usa primeira pessoa, ora terceira pessoa no decorrer da narrativa, o que prejudica o domínio e uso satisfatório dos focos narrativos.

Podemos acordar que essa má utilização de foco narrativo no conto do aluno “João” tenha ocorrido pelo fato do estudante ter confundido “autor” com “narrador”, conceitos que, erroneamente, não foram apresentados para a turma no decorrer das aulas. Porém, na reescrita do aluno “João”, assim como dos outros alunos mencionados, também há um avanço em sua produção de reescrita, visto que as observações realizadas na primeira escrita surgiram efeito positivo.

Contudo, dentre os oito focos narrativos trabalhados em aula, os que foram mais compreendidos e utilizados pela turma, destacaram-se em “Narrador protagonista”, “Modo dramático”, “Câmera” e “Narrador onisciente neutro”, como podemos constatar nas produções escritas dos contos analisados. Dessa forma, atentamos que esses focos narrativos tiveram maior ênfase nas produções dos contos dos alunos por serem focos contemporâneos, atuais, dos quais os estudantes estão habituados e isso, conseqüentemente, refletiu na escrita dos mesmos.

4. Considerações finais

Este trabalho nos permitiu, inicialmente, estudarmos mais a fundo as categorias do Foco Narrativo por meio dos autores Friedman e Chiappini, bem como fazermos uma observação maior desse mote em Contos da Literatura brasileira. A pesquisa aplicada foi de extrema significância para a atuação em sala de aula, enquanto futura profissional da educação, bem como para experimentar questões de literatura e língua portuguesa concomitantemente. Trabalhar dessa forma, interdisciplinar, proporcionou momentos de reflexão e questionamentos, pois ao abordarmos um gênero literário em sala de aula, que foi o caso dos contos apresentados e trabalhados com a turma que participou do estudo, estaríamos, tradicionalmente, trabalhando com uma questão puramente apresentada na disciplina de Literatura. Ainda, as categorias de foco narrativo, trabalhadas isoladamente, também fariam parte dessa mesma disciplina. Porém, não foi o que efetivamente ocorreu, pois tivemos a oportunidade de unir as duas disciplinas de maneira que as propostas de atividades não fizeram menção maior nem de uma, nem de outra, Língua portuguesa e Literatura, respectivamente.

Não obstante, nosso maior propósito com essa pesquisa foi identificar como procedeu toda a questão do trabalho com o foco narrativo em sala de aula, a compreensão da turma para os tipos de narradores apresentados por meio dos contos lidos e trabalhados, e de como isso refletiu nas produções escritas dos alunos. Por isso, podemos afirmar que houve erros e acertos quanto à prática docente desenvolvida no período de realização do estágio obrigatório, bem como durante a pesquisa que se realizou em conjunto com o mesmo. Acreditamos que as propostas de atividades desenvolvidas no contexto da sala de aula proporcionaram momentos de aprendizado satisfatório da turma, pois como observamos nas escritas dos alunos, os mesmos obtiveram uma evolução concreta no decorrer das aulas.

Por outro lado, também houve falhas, como, por exemplo, e já mencionado anteriormente, a ausência da exposição dos conceitos de “autor e narrador”, da qual um dos alunos envolvidos na pesquisa fez confusão e obteve resultados parcialmente negativos em sua produção textual inicial, mas que foi reconstruída e aperfeiçoada por meio da produção final, ou seja, da reescrita. Ainda, por esse descuido que refletiu na produção escrita do mesmo aluno, foi realizado outro deslize, pois para a reescrita solicitamos que o estudante escolhesse apenas um foco narrativo para reescrever seu

conto, sendo que o propósito real era de que os alunos desfrutassem dos focos narrativos trabalhados e usassem a imaginação para aplicá-los na escrita de seus contos.

No entanto, compreendemos que o espaço escolar, mais especificamente a sala de aula, é um lugar no qual estaremos em fase de aprendizagem e (re)construção sempre, é preciso aprender com as falhas e descobrir com as experiências vivenciadas, os melhores métodos para aplicação de propostas de ensino. Mas não podemos esquecer que nossa pesquisa se realizou durante 17h/a apenas, pois todo o trabalho com os focos narrativos e os textos utilizados teria muito mais relevância se fosse apresentado e discutido por um período de tempo maior.

Contudo, são com os acertos e erros que temos a oportunidade de perceber qual o melhor caminho para aperfeiçoarmos as práticas docentes que serão pensadas, planejadas e aplicadas futuramente. Nossas experiências e dificuldades adquiridas nessa pesquisa fez com que questionássemos sobre trabalhos futuros acerca do mesmo mote proposto nessa pesquisa, porém seria mais interessante adaptarmos e aplicarmos essa pesquisa, que envolve o Foco Narrativo e os tipos de narradores, com alunos de série e idade diferentes dos alunos que fizeram parte desta pesquisa, mais especificamente com crianças de séries iniciais. Acreditamos que esse trabalho e pesquisa que poderá estar em vigor futuramente, proporcionarão resultados distintos dos que encontramos nesse estudo, pois teremos visões e pontos de vista de “escritores” infantis, e isso poderá refletir no que se diz respeito de produções de narrativas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, *Arte Poética*, (p. 01 à 53).

Disponível em: file:///C:/site/livros_gratis/arte_poetica.htm

AUERBACH, Erich (2004), *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. 5ª Ed. São Paulo, Perspectiva.

BENJAMIN, Walter (1994). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, p. 197-221.

CHIAPPINI, Lígia. (2001), *O Foco Narrativo*. 10ª edição, São Paulo, Ática.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2011, Pp. 81-124. (Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro)

FRIEDMAN, Norman (2002), *O ponto de vista na ficção. O desenvolvimento de um conceito crítico*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. São Paulo, Revista USP, n.53, p.166-182.

GOTLIB, Nádya Battela (1946), *Teoria do Conto*. 11ª edição, São Paulo, Ática.

HOMERO (2007), *Odisséia*. São Paulo, Martin Claret Ltda.

LOPES NETO, João Simões (2006), *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Org. de Aldyr Garcia Schlee, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro: UNISINOS.

MACHADO, Dyonelio (2004), *Os Ratos*. São Paulo, Planeta do Brasil.

MORICONI, Ítalo (2009), *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro, Objetiva.

SCLIAR, Moacyr (1988), *Os Melhores Contos. Seleção de Regina Zilberman*. 3ª edição, São Paulo, Global.

SCLIAR, Moacyr (1989), *A orelha de Van Gogh. Contos*. São Paulo, Schwarcz Ltda.

Sites

http://www.youtube.com/watch?v=b3ZZ3sEo_LU

acesso em: 10 de março de 2014

ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Foco narrativo em contos da literatura brasileira: uma proposta para o ensino médio

Pesquisador Responsável : Prof. Dr. Silvana Silva

Pesquisadores participantes: Silvana Silva (professora) e Alessandra D'Avila (aluna responsável pelas gravações)

Telefones para contato : (53) 84064307

- ◆ A pesquisa objetiva analisar o trabalho do professor em sua atividade de ensino de produção textual.
- ◆ A pesquisa visa à melhoria das práticas de trabalho do professor de leitura e produção textual.
- ◆ Serão gravadas três (3) aulas referentes às produções textuais.
- ◆ Nome e Assinatura do pesquisador _____

◆ CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador _____ sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data _____/_____/_____/_____

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____